

# Campus

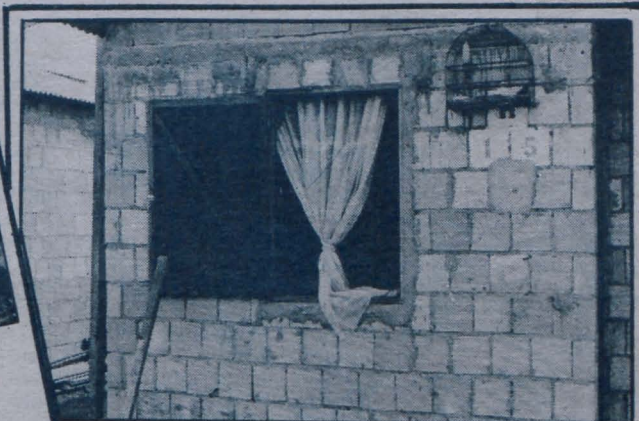
Jornal-Laboratório do  
Departamento de  
Comunicação da UnB  
Nº 66 — Primeira Quinzena  
Outubro 1984

Kátia Turra



**U**ma classe média proletarizada está cada vez mais valendo-se de alternativas de consumo como forma de fazer frente a uma inflação dilacerante. Em Brasília, os moradores do Lago e Plano Piloto abandonam seus elegantes apartamentos e suas casas com piscina para comprar gêneros alimentícios e roupas na Feira da Ceilândia. Páginas 10 e 11

Kátia Turra



**O** problema da habitação chegou também a Brasília. Cidadãos que arriscaram um plano de aquisição da casa própria, arrependem-se amargamente e rebelam-se contra as espoliativas prestações. Seu porta-voz é o Codemut. Já os chamados "invasores" das periferias tem que se contentar com os "embriões": casas minúsculas, pouco mais de um projeto inacabado, com paredes sem acabamento e sem qualquer equipamento interno. Páginas 10 e 11

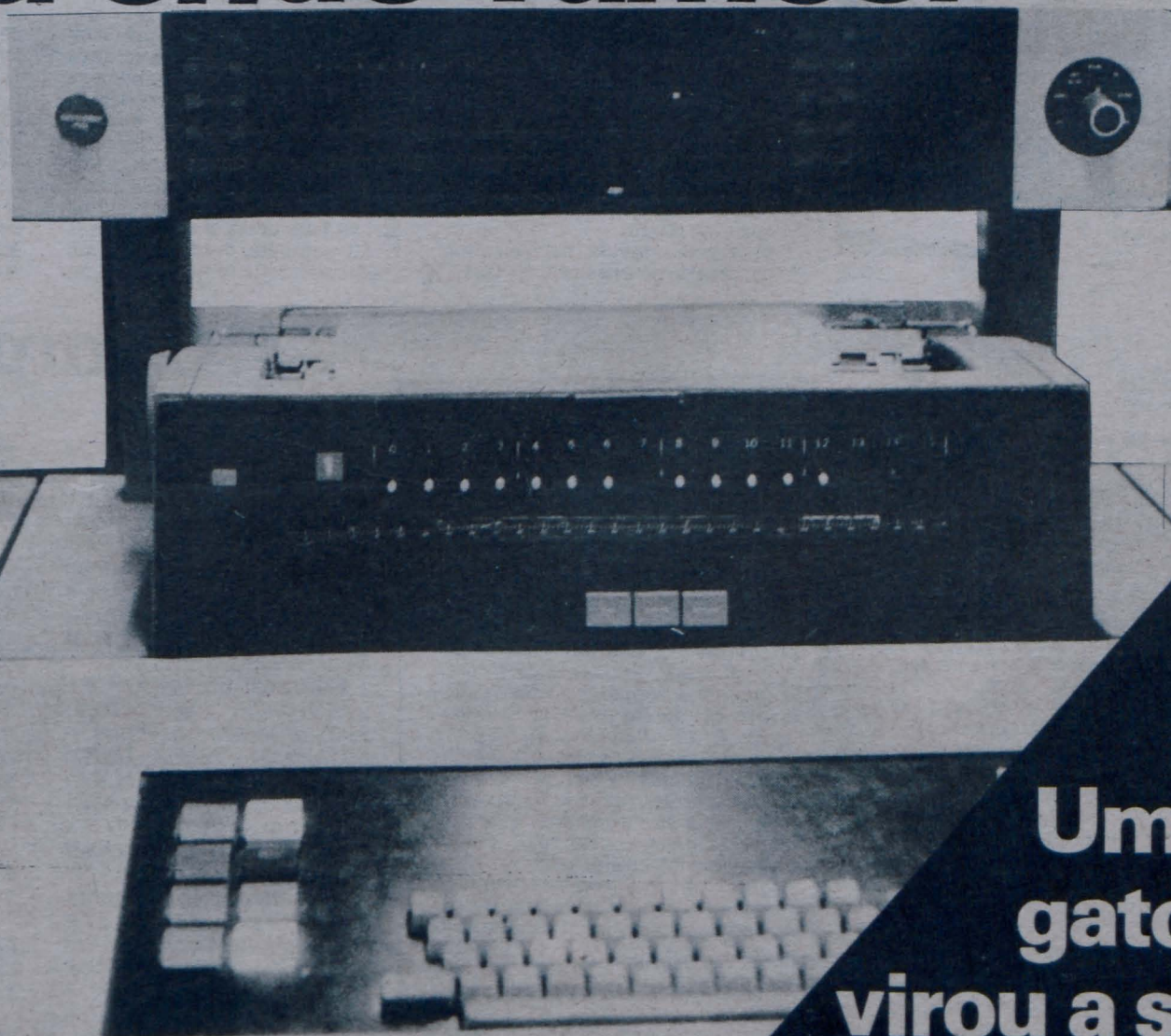
Kátia Turra



**N**o campo, aos poucos vai chegando a modernização tecnológica. Mas persiste a miséria, a falta de terra, a exploração dos bóia-frias. Pesquisa feita na UnB mostra que somente os grandes empresários rurais usufruem das vantagens do progresso tecnológico. Apesar de importante, esta é uma questão que só agora desperta a atenção das lideranças dos trabalhadores rurais. Página 13

## Onde estamos e para onde vamos?

Em meio à crise e as dificuldades que afligem a grande maioria do povo brasileiro, surge a Informática como promessa de melhores dias para o país. O Congresso Nacional aprovou inclusive a Lei de Reserva de Mercado. Mas, grupos sociais já começam a se perguntar se a Informática não acabará se transformando em mais um instrumento de domínio das elites. Páginas 8 e 9



Eduardo Suplicy

## Um saco de gatos. Nisto virou a sucessão



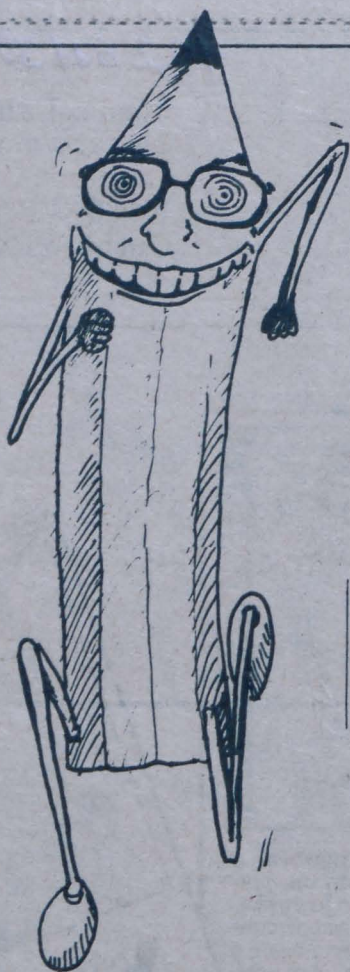
## MURO

Silêncio  
Inaceitável

Para fazer a matéria sobre o movimento pacifista, publicada nesta edição, buscamos ouvir os dois lados envolvidos na questão da guerra nuclear: dois países membros do Pacto de Varsóvia (URSS e Tchecoslováquia), e, em contrapartida, dois países membros da OTAN (Alemanha Ocidental e EUA). Entretanto, apesar de termos marcado entrevista com o adido de imprensa da Embaixada dos EUA, e de termos comparecido em dia e hora estabelecidos, o entrevistado não compareceu, deixando apenas um vago recado: "Salu para o almoço". Novas tentativas foram feitas, em vão.

Será que as Marchas pacifistas de Nova Iorque e Washington, ocorridas há um ano, com a participação de mais de um milhão de manifestantes justificaram o silêncio da Embaixada?

(Kátia Vieira, Wilfrida Natali e Carlos Alberto).



## Malufaram meu lápis

"Ditado", avisou a professora. E a criança do segundo ano se armou para a batalha. "O gato Flfi é o animalzinho mais bo..." Todos esperavam o fim da palavra, mas a professora já se movia para o lado direito da classe. Posto a um canto, rosto sonolento apolado entre as mãos vazias, Joãozinho mirava tristemente um ponto qualquer. Os passos da

tia o devolveu ao mundo da escola. Pronto... lá vem bronca, pensou ele recompondo-se. "Joãozinho, por que você não escreve ao invés de cochilar?" E E agora? Não havia outra saída, teria que dizer a verdade. "Não posso fessor, malufaram meu lápis".

(Dércio Rodrigues)

**A**tenção Lula, você está traído! Com correligionários como a deputada Bete Mendes o Presidente Nacional do PT não precisa de inimigos. Vejam o que ela afirmou no dia 28 de setembro, aqui na comunicação: "Em eleições diretas eu votaria no doutor Tancredo Neves para Presidente da República". E em eleições indiretas, deputada, em quem você vota? No Lula não pode ser! (Luciano Ssassuna).

## ESPAÇO

## Não sobraram vagas para mim

Maria Lúcia Sigmaringa

O novo sistema de matrículas da UnB, supostamente criado para facilitar a vida dos alunos está totalmente "furado". O problema da falta de vagas, que muitos departamentos vêm enfrentando há vários semestres chegou, neste período, a arrancar lágrimas nos alunos mais desesperados.

Sou aluna da Sociologia e há dois anos abandonei meu curso para fazer apenas matérias da Comunicação. Há dois semestres venho tentando a mudança de curso, sem sucesso. Na primeira vez, a entrada de alunos fora do vestibular estava proibida. A decisão de fechamento da Comunicação foi uma tentativa de diminuir o problema criado pela Reitoria quando não atendeu aos pedidos insistentes do departamento para contratação de novos professores e compra de equipamentos. No semestre passado, meu pedido foi recusado de novo. Não havia vagas suficientes para

atender ao grande número de pedidos de transferência.

A situação de alunos que, como eu, esperam ansiosamente a mudança de curso ou dupla opção, piorou bastante com a "maravilhosa" forma de matrículas adotadas neste ano, já que o monstro da falta de vagas, mesmo em matérias obrigatórias, apavora também os alunos do próprio departamento. Há casos de pessoas que não conseguiram nenhum crédito. Será que isso é certo?

Parece brincadeira, mas ainda tem mais. Agora nós, os alunos fora de opção, não temos sequer o direito de concorrer às vagas abertas no Reajuste, porque para se conseguir matéria fora de opção nesta etapa, nos temos que já estar matriculados no mínimo de créditos exigidos em nosso curso. Dá para ver a contradição? E preciso, então, conseguir autori-

## MEIO

## Desinformação já!

Carlos Alberto

A campanha sistemática que os principais meios de comunicação do País (Jornal do Brasil, Estado de S. Paulo e Rede Globo) vêm fazendo contra o governo Brizola, desinformando e confundindo a opinião pública, fornece um farto material a todos os que lutam para que a comunicação seja ciência praticada em função do progresso da coletividade, e não de interesses minoritários, elitistas.

Tudo começou na apuração de votos da eleição de 1982. A TV Globo, ligada à tomada do computador da Pró-Consult, "apurava" uma avalanche de votos no adversário de Brizola. O resultado, todo mundo viu.

Passo seguinte: o Rio de Janeiro é apresentado como a "cidade mais violenta do mundo", os turistas não virão para o Carnaval" etc. O assassinato do jornalista alemão (até hoje não esclarecido), mas principalmente o vasto noticiário que apontava como culpado o "socialismo moreno" — como se a criminalidade no Rio tivesse começado a partir da posse de Brizola — deu a linha que viria a seguir. O JB, que durante os anos do chagulismo, alertou algumas vezes para as causas sociais da criminalidade, esqueceu tudo isso e produz editoriais em série, carregados de histeria e rancor contra o novo governo. Até parece que a criminalidade é um problema peculiar do Rio. Como se Nova Iorque não apresentasse estatísticas simplesmente estereotipadas em termos de crime (a cada 2 minutos uma mulher é estuprada, entre outros). Ou seja, isso no país capitalista mais desenvolvido do planeta, planeja, que demonstra que a criminalidade é, exatamente, fruto das mazelas sociais cada vez mais perversas deste sistema, tais como o desemprego (9 milhões de pessoas nos EUA), prostituição, desigualdades sociais, miséria. Basta comparar com a situação atual de Cuba, onde tal problema foi praticamente extinto, quando há 20 anos, o país não passava de um bordel para os ricos de Miami.

Ninguém duvida que o sistema carcerário no Brasil é uma tragé-

dia. Superlotação, promiscuidade, humilhações, violência, desrespeito à pessoa e, conseqüentemente, corrupção, motins e fugas. Sempre foi assim. Mas para o Estadão, existe no Rio uma situação crônica, ou, conforme matéria publicada no dia 18 último, "Os presos fogem e Brizola esconde tudo". E arremata, arrogante; "A culpa é do socialismo moreno!" Por acaso o problema carcerário dos EUA está resolvido? Ou, na Bahia, onde governa o PDS, é exemplar?

A onda de criminalidade cresce acompanhando a crise do capitalismo, e não só no Rio de Janeiro ou no Brasil, mas também nos países capitalistas mais desenvolvidos. Ao invés de estimular uma reflexão em busca de soluções — como é sua responsabilidade social — os meios de comunicação desataram apenas uma crise de paranóia, desinformando sobre as causas reais e culpando uma administração que, embora com limites evidentes, tem tomado medidas de palpável benefício popular.

Como exemplo pode-se citar o famoso Sambódromo. A imprensa caiu de pau, até setores da esquerda engoliram. Passado o Carnaval, o Sambódromo foi transformado numa imensa escola para 20 mil alunos e a mais lucrativa e corrupta "indústria carnavalesca" (monta e demonstra) foi desativada. A imprensa calou-se. Veio o show-monstro de Milton Nascimento na Praça da Apoteose, local elogiado pelo artista, principalmente porque permite ingressos a preços populares. Novamente, o silêncio.

A campanha de desinformação continua atualmente. O Projeto "Leite para as Crianças", que atende diariamente 330 mil estudantes — a maioria não tomava leite antes — somente ganhou as páginas do JB quando este denunciou a má qualidade do produto fornecido pela merenda escolar. Os mais autorizados institutos de saúde afirmam há muito que a qualidade do leite consumido no Brasil hoje deixa a desejar, mas o JB somente descobriu a má qualidade do leite quando ele foi

incluído num programa social do governo Brizola. Outra desinformação muito comumente espalhada pelos editoriais do "JB" e do "Estadão": "O Rio virou cidade de mendigos". No governo Lacerda, os mendigos eram jogados no Rio Guandu para limpar a cidade para os turistas. Pois hoje os mendigos são conduzidos para a Fazenda Modelo (600 hectares pertencentes ao Estado) onde plantam, colhem, moram e adquirem uma especialidade. Curioso: essa informação não foi veiculada pela TV Globo. A mesma que dias atrás fez uma matéria de 3 minutos sobre o uso de óculos escuros e outra sobre a moda de outono na França. Também não salu na Globo, matéria informando sobre o projeto Mão-de-Obra (publicada na Folha de S. Paulo), pelo qual presidiários trabalhavam voluntariamente na construção de escolas nos bairros mais pobres, com material fornecido pelo Estado. Além disso, pode-se notar o silêncio, a não-informação, daqueles órgãos de comunicação, sobre o decreto que torna gratuito o passe nos ônibus urbanos para as crianças uniformizadas. Afinal, isso não é notícia... Em compensação, a Globo noticiou fartamente o voo dominical do ministro da Aeronáutica em seu ultra-leve colorido.

No sistema capitalista os meios de comunicação sempre funcionam de acordo com interesses do capital mais poderoso. Portanto, torna-se imperioso desinformar sobre realizações direcionadas ao benefício da coletividade. Por conseqüência, para que sejam úteis à essa mesma coletividade, os meios de comunicação devem passar às mãos da população, através de suas organizações representativas (sindicatos de trabalhadores, entidades científicas, culturais) subtraídos, portanto, do domínio privado. Nessa esfera, a informação depende sempre do lucro. E que lucro pode dar, informar sobre as pequenas mas importantes conquistas do amaldiçoado "socialismo moreno"?

## Campus

Jornal-laboratório do Departamento de Comunicação da UnB.

Professores responsáveis: Arcelina Helena, Carlos Augusto Setti e Murilo César Ramos (edição e texto); Luiza Venturelli (fotografia); e Maria Rita Leal (diagramação).

Editores: Carlos Alberto de Carvalho, Josué Benitz, Marina Maria Martins e Silvana de Freitas (UnB); Dércio Rodrigues, Marta Rosário e Rodrigo Fonseca (Comunidade); Carlos Penna Brescianini e Thaís Camargo (Nacional); Carlos Alberto de Almeida e Denise de Roure (Internacional); Benedito Eustáquio de Araújo, Jair Barbosa Jr e Wilza Toscano de Almeida (Cultura); e Ana Cristina Braz Dias, Ana Cristina Sampaio Al-

ves, Márcio Araújo e Maria Dinalva Ferreira (Ciência).

Redação: Ana Cristina Marques Batista; Andréa Chagas Cerqueira; Armando Luiz Abreu Sá Fortes; Cátia de Abreu e Souza; Claudio Roberto Brandt; Carmen Cerqueira; Carmen Kozak Simaan; Edna Maria Cristina Santos; José Murilo Milhomem de Sousa; Kátia Vieira dos Santos; Luciano Dantas Suassuna; Mônica Villa da Costa Ferreira; Otávio Veríssimo Sobrinho; Rosane Ferreira Carneiro; Wilfrida Mollendorff Natali.

Fotografia: Fernando de Freitas e Kátia Turra.

Laboratorista: Jeová Xangô.

Ilustrações: Carlos Antonio Nogueira e Edson Fogaça.



1

UnB, 3 de agosto.  
O Colégio Eleitoral Especial da UnB elabora a lista sêxtupla: Geraldo Avila, Djairo Guedes de Figueiredo; Dêrcio Garcia Munhoz; Cristóvan Buarque; Cláudio Lúcio Costa; e Aluizio Rosa Prato.

2

CFE, 01 de outubro.  
O Conselho Federal da Educação frustra, mais uma vez, as expectativas de toda a comunidade, não acolhendo recurso encaminhado pela ADUnB, para anulação da lista sêxtupla.

3

E agora?  
É possível que no momento em que este número do Campus estiver sendo distribuído a UnB já tenha um novo reitor.

# CFE confirma a lista

A decisão do Conselho Nacional de Educação (CFE) de não anular a lista sêxtupla elaborada pelo Colégio Eleitoral Especial da UnB, na reunião de 3 de agosto, causou desagradável surpresa à diretoria da ADUnB e a diretores de CAs e DCE, que acreditavam na anulação da lista, em função de possíveis irregularidades na composição do Colégio. Cinco membros do Conselho Diretor da FUB não teriam sido reconduzidos ao fim de seus mandatos.

Mais uma vez o reitor Azevedo, ao apresentar sua defesa junto ao CFE, insistiu na tese de ilegitimidade da ADUnB e na validade das deliberações do Colégio Eleitoral Especial. Sua argumentação — apresentada em entrevista ao Campus nº 65 — é que, por força da lei nº 6.733/79 os membros do Conselho Diretor passaram a titulares de cargo em comissão, derogada a lei nº 3.998/61 que lhes conferia mandato de prazo certo. Esta

situação, segundo documento do Azevedo, não foi alterada pela lei nº 7177/83, que mudou apenas o procedimento de escolha de reitores e vice-reitores das Universidades-fundações.

Esta justificativa constitui-se no elemento de sustentação do parecer apresentado em plenária pelo relator Manoel Gonçalves Ferreira Filho, que obteve aprovação unânime da Câmara de Legislação e Normas, excetuando-se o voto em separação do Conselheiro Armando Mendes.

## SEGUNDA DERROTA

Para o professor Ibañez, presidente da ADUnB, o parecer do CFE representa o desdobramento da derrota fundamental: "A aprovação, no Colégio Eleitoral Especial, de uma lista que não foi a da comunidade. Durante as visitas que fizemos (ADUnB/DCE) aos membros do conselho Universitário, mostramos a

eles que a única forma de evitar que nomes propostos pela reitoria fizessem parte da lista era votar integralmente na lista da comunidade. Aqueles membros que não quiseram votar nesta lista, não tiveram visão política para perceber que isto aconteceria" (a provável escolha de nomes defendido pela reitoria).

As duas derrotas, na opinião de Jackson, um dos que fizeram greve de fome, estão no mesmo nível, atribuindo-lhes as mesmas causas. A composição dos dois órgãos nos é desfavorável. O CFE, em particular, é mais um órgão que sustenta a política educacional do regime, composto basicamente por empresários do ensino. Mas a principal causa da derrota foi a falta de mobilização na universidade.

André, estudante de Física, também acha que a ausência de participação foi fundamental e acredita ter havido falta de habilidade e trabalho

nas duas etapas do movimento. "O movimento coletivo não existiu de fato, foi um processo conduzido por cúpula".

## PERSPECTIVAS

"Agora nós dançamos!" — prossegue André. "Quando estabeleceu-se a discussão para decidir a quem recorrer, se à justiça ou ao MEC, eu e Agmar fomos os únicos a defender a primeira hipótese. Porém, não poderíamos mover uma ação pois não representávamos legitimamente nem alunos nem professores. A ADUnB, como entidade, poderia fazê-lo. Mas a opção foi recorrer ao MEC". Para ele, o movimento estudantil, desarticulado como está agora, não tem "pique" para sustentar a entrada na justiça e não acredita que a ADUnB o faça.

Jackson, membro da diretoria provisória do DCE, é favorável à entrada na justiça comum, como mais uma alternativa. Acha que, através

da reestruturação do DCE, com eleição marcada para novembro, poderá surgir uma mobilização que sustente a discussão e possibilite a vitória. "É preferível o Azevedo por mais tempo com a perspectiva de mudança a médio prazo — do que ter o Prata por quatro anos".

O posicionamento do professor Ibañez é bem diferente. Discorda da alternativa de recorrer à justiça pois isto só prolongaria a permanência do Azevedo e não permitiria que a Universidade discutisse mudanças mais profundas.

Para André, existem duas possibilidades: A primeira é ter o Prata na reitoria e "fim de papo"; e a segunda possibilidade é de que, admitindo o princípio de que a decisão do CFE visaria baixar o impeto dos estudantes e professores e preservar a imagem do sistema, seja escolhido, pelo Presidente Figueiredo, um nome razoável, "tipo Geraldo Avila". (Silvana de Freitas e Otávio Veríssimo).

## IRREVERÊNCIA E DESCONTRAÇÃO MARCAM A FESTA DA ARQUITETURA

**O**s formandos do curso de Arquitetura e Urbanismo confirmaram, neste semestre, uma tendência que já vinha se manifestando nas recentes formaturas do curso: a desritualização da solenidade. A exemplo de outros semestres, quando o palco da colação de grau e festa de encerramento do curso foi o Teatro de Arena e o próprio Ateliê da Arquitetura, desta vez o local escolhido foi o Bandeirão.

Houve uma abolição combinada de alguns formalismos inerentes às solenidades daquele tipo. A começar pelo convite, que traduzia o espírito despojado da cerimônia, convidando "finalmente" após sucessivas e frustradas greves "para a formatura que começaria impreterivelmente às 17:00 hs do dia 23 de setembro, domingo. O horário não foi rigorosamente cumprido, tanto que, somente às 17:40 hs, os formandos desceram a primeira rampa do refatório. Vestiam coloridos trajes esportivos, em substituição às pesadas becas, confundindo-se, dessa forma, com os convidados.

### COLAÇÃO DE GRAU

O palco da solenidade foi o andar térreo do Bandeirão, onde cadeiras foram dispostas em semicírculo, reservando-se as duas primeiras fileiras para os for-

# Bandeirão é palco de formatura do curso

mandos. Por todos os cantos, pais, mães, e convidados disputavam uma visão privilegiada dos melhores lances da festa.

Após a abertura da sessão, o orador da turma, Cassio G. D'Abreu, ostentando uma rubra marca de batom numa das faces, fez um histórico sobre os problemas enfrentados ao longo do curso, referindo-se também ao confuso quadro político do país. Em seguida, fez-se a chamada nominal dos formandos, que eram ruidosamente aplaudidos por torcidas quase organizadas, ao som de assobios, gritos e palavras de ordem como "lindo" e "já ganhou". Fechando a solenidade, um dos pontos altos da festa foi o discurso da servente D. Irene da Silva que, comovida, recitou um longo poema. Ao final entre lágrimas e aplausos de pé, o happy-end merecido, com pais, convidados e mestres partindo avidamente para o coquetel.

### REPERCUSSÃO

Entre sanduíches naturais, chopp e croquetes, a informalidade da festa despertou reações diferentes. A mãe de um aluno não formando, que veio à festa "preparando-se" para a formatura do filho no final do ano, achou que a solenidade descaracterizou

a fórmula clássica da formatura, já que, na sua opinião, a beca é o símbolo do saber e da tradição acadêmica. Referindo-se ao evento, apelidou-o de "festa da contra-cultura". Já para a mãe de um formando, a idéia não poderia ter sido melhor pois "numa época de crise é importante que os gastos sejam diminuídos". Se-

gundo ela também foi importante conhecer o local e as pessoas com as quais seu filho conviverá durante alguns anos de sua vida.

Do outro lado da festa, parecia haver uma concordância unânime dos professores em relação ao acerto da idealização da formatura. O professor Márcio Villas Boas, diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, saudou a festa menos pelo seu ineditismo e mais pelo espírito de congracamento. Para o professor José Carlos Córdova Coutinho, presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, seção DF, "a solenidade foi um protesto pacífico e civilizado contra os rituais tradicionais, uma forma de negar afirmando".

O clima era de descontração. Um formando corria de um lado para outro, preocupado com o resultado do FLA X FLU que segundo ele "por azar" estava se realizando naquele horário. Para a aluna Maristela dos Santos, idealizadora da formatura, a escolha do Bandeirão, de início não foi bem aceita pelos colegas, mas com certo tato, a idéia foi levada adiante. "Os formandos compreenderam que o Bandeirão representa um espaço simbólico de encontros, de mobilização, um lugar em que todos se sentem integrados com a Universidade". (Carlos Alberto Carvalho e Marina Maria Martins)





## SERVIÇOS

No Departamento de Comunicação será realizada a 1ª Jornada de Fotografia dos Estudantes de Comunicação. A Jornada que contará com a presença de estudantes de todo o País, vai de 12 a 14/10. O INFOTO apoia o evento. Paralelamente prossegue, na biblioteca da UnB, a 1ª Mostra Nacional de Fotografias dos Estudantes de Comunicação, a mostra é itinerante e vai até 15/10, com a colaboração do Decanato de Assuntos Comunitários.

O Departamento de Estatística da UnB, está comemorando 10 anos de criação. Vários eventos estão sendo realizados com a presença de professores, alunos e funcionários. Para encerrar as comemorações será realizado um churrasco de confraternização este mês, em local a confirmar.

O 1º Fórum de Discurso sobre o Alojamento Estudantil será realizado ainda neste semestre, com caráter deliberativo, organizado pela diretoria da Associação dos Moradores do Alojamento (AMAE).

Na sua programação, consta a realização de três fases. A primeira delas, já iniciada através de questionários que estão sendo discutidos em reuniões "apartamentais", consiste no levantamento de opiniões sobre a organização do Fórum e nos problemas que afetam a comunidade do alojamento. A 2ª fase visa, a partir dos resultados obtidos nos questionários e discussões, promover palestras, debates, filmes, etc. A 3ª fase, que ainda não tem data definida, será o momento das reuniões dos moradores, com poder de deliberação.

Neste mês de outubro, nos dias 21, 22, 23 e 24, se realizará no Centro de Estudo na Ciência da Saúde (Faculdades de Medicina, Odontologia, Nutrição e Enfermagem), o I Encontro Nacional Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis e paralelamente o II Simpósio Sobre DST no Brasil Central, tendo por objetivo a análise e o estudo das DST no Brasil e no Mundo.

Promovido pela União Brasileira Contra Doenças Venéreas e encontro terá a participação de conferencistas de renome nacional e internacional, profissionais de saúde de nível superior das áreas médica, de laboratório e enfermagem.

As inscrições podem ser feitas no Instituto de Saúde do Distrito Federal, Gerência de Biologia Médica, no S.G.A.N. 601 lotes O/p e para melhores informações pelos telefones: 226-3217 ou 223-9160 ramal 143.

No Departamento de Engenharia Elétrica será realizado Curso de Extensão em Controle de Robôs. As inscrições podem ser feitas no DAA, sendo para estudantes, Cr\$ 3.000,00, outros Cr\$ 50.000,00. O Curso terá início 22/10 e término em 1/11. As aulas serão ministradas na faculdade de Engenharia Elétrica. Também na Elétrica, haverá Ciclo de Palestras

de Comunicação Ótica dias 18 e 19 de outubro. A taxa de inscrição para todos é de Cr\$ 3.000,00.

Com o objetivo de incentivar os produtores de filme da UnB, em especial os do Curso de Desenho, foi aberto o Cine-Clube do Desenho. Há sessões as sextas-feiras com início às 11:30 hs; também serão apresentados filmes de embaixadas.

No Departamento de Artes, acontece todas as 5ª feiras, às 10:30 hs, no auditório da música, o Concerto semanal da UnB, sob a coordenação do professor Hary Schweizer. Vale a pena, não percam!

No Departamento de Psicologia, Simpósio Sobre Drogas, Toxicomania e Sociedade, nos dias 17 e 18 de outubro. As inscrições podem ser feitas no DAA, de 24/09 à 12/10, com a taxa de inscrição para estudantes Cr\$ 8.000,00 e profissionais Cr\$ 15.000,00. O Simpósio será no Departamento de Psicologia das 9:00 às 18:00 horas. Para melhores informações, o telefone é: 274-0022 ramal 2195. Parabéns ao Departamento de Psicologia pelo seu 20º Aniversário.

No Departamento de Agronomia, Curso de Extensão em Legislação Florestal, de 18/10 a 13/12, as 5ª e 6ª feiras, das 08:00 às 10:00 horas. As inscrições podem ser feitas no DAA, sendo a taxa de inscrição de Cr\$ 3.000,00 para estudantes e Cr\$ 6.000,00 para outros.

A Associação de Professores de Educação Física do Distrito Federal promoverá de 11 a 14/10, na UnB, a 1ª Jornada de Atualização em Educação Física. Na oportunidade, serão ministrados quatro cursos de extensão. As inscrições poderão ser feitas na sede da APEF-DF, no Ed. Antônio Venâncio da Silva, Sala 103. A taxa de inscrição será de Cr\$ 18.000,00 para alunos e professores de Educação Física. Os sócios da APEF, terão a redução de 50% do valor da taxa.

No Departamento de Geografia e História, haverá seis Seminários de Estudos de Problemas Brasileiros I e II. Os Seminários de E.P.B. I são: 1º — Economia, Sociedade e Segurança, de 1 a 5/10, o 2º — O Homem e o Meio, de 5 a 9/11, e o 3º — Cultura e Desenvolvimento, de 10 a 14/12. Os Seminários de E.P.B. II são: 1º — Condições Institucionais do Desenvolvimento Econômico Brasileiro, de 8 a 16/10, o 2º — Condições Institucionais de Desenvolvimento Político Brasileiro Brasileiro, de 17 a 21/12. Os Seminários serão no Anfiteatro 4 na ala sul do minhocão no horário de 19:30 às 21:30. Não haverá taxa de inscrição para alunos da UnB.

CADE O DEVER — Este é o título para a série de debates que serão realizados no Departamento de Desenho. Professores e alunos debaterão trabalhos realizados no Departamento. Segundo a aluna Tereza, uma das responsáveis, as discussões serão de alto nível, pois são excelentes os trabalhos apresentados. Para melhores informações procurar Tereza no Departamento do Desenho.

Reitor, ESCUTA A NOSSA PRECE  
CREIO NUM C.A. TODO PODEROSO  
CRIADOR DE CASO E GREVE  
E EM SEUS ESTUDANTES, ALEGRES  
E SALTITANTES  
QUE JA FORAM SOCADOS, XINGADOS E  
LASCADOS  
SUBIRAM A REITORIA  
TOMARAM CHA-DE-CADEIRA NA  
ANTE-SALA DO REITOR  
QUE ACHA-SE CAPAZ DE JULGAR  
OS VIVOS E OS MORTOS  
CREIO NA RESSUREICAO DO C.A.  
NA ETAPA UNICA DE MATRICULA  
NO REAJUSTE  
NA REABILITACAO DO ESTUDIO DE T.V.  
E CRENDQ EM TANTA BESTEIRA  
CREIO TAMBEM NA VIDA ETERNA E EM  
PAPAI NOEL  
AMEN... DOIM

### Nota de falecimento e proposta de ressurreição ou chô carapuça chô

O Departamento de Comunicação na pessoa de seu corpo discente, agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião do funeral do seu C.A., ocorrido dia 28 de setembro.

Vítima de colapso político provocado por uma evasão geral dos alunos, que teve origem em casuismos promovidos por "algumas personalidades" "politizadas", parte do universo, em desencanto, de estudantes de comunicação. Há muito o Centro Acadêmico do Departamento de Comunicação carecia de uma solenidade cívico-religiosa que desse destino tanto ao corpo quanto ao espírito da entidade, liberando-a, então, para uma nova encarnação, ou será uma reencarnação "nova" (...) ? Muda C.A. / Muda C.A. / Muda C.A. / (Milton Cintra)

## Enterro do C.A. comove alunos da Comunicação



O defunto padecia ao chão, vítima de insuficiência política

## Enfermagem pára e ganha mais três professores

O curso de Enfermagem, que iniciou o semestre em greve, pela contratação de três professores para disciplinas obrigatórias, tem revelado dificuldades não só em relação à falta de professores, mas também quanto à necessidade da departamentalização e à própria credibilidade da profissão perante a Universidade e à sociedade. Segundo Maria José, ex-coordenadora do curso, a falta de interesse e valorização da profissão vem desde o vestibular, quando Enfermagem está em segunda ou terceira opção. A maioria dos alunos que cursam o básico tenta novos vestibulares, ingressando ao profissional uma ideia de oito alunos por semestre.

Quase dez dias de paralização foram suficientes para que se atingisse (pelo menos parcialmente) os objetivos da greve, encerrada no dia 25. Das três contratações, duas delas foram por prestação de serviço. Sandra Sa-

les, representante do C.A., alerta para a possibilidade de que, no próximo semestre, estes problemas reapareçam, na medida em que a contratação efetivada destes dois professores não aconteceu e lembra ainda que não se sabe quando começarão as aulas destas disciplinas. A reposição de aulas já foi garantida por alguns professores e deverá haver, segundo a coordenadora do curso, professora Erlita, uma compactação de matérias.

### A GREVE

No semestre passado, a própria coordenadora do curso há havia constatado a falta de professores para disciplinas obrigatórias. Em audiência com a reitoria, quando foram expostos os problemas do curso, foi solicitado à profa. Erlita, exposição de motivos para contratação de professores. Estes foram enviados em ofício.

Kátia Turra

passando pelos canais burocráticos da Universidade.

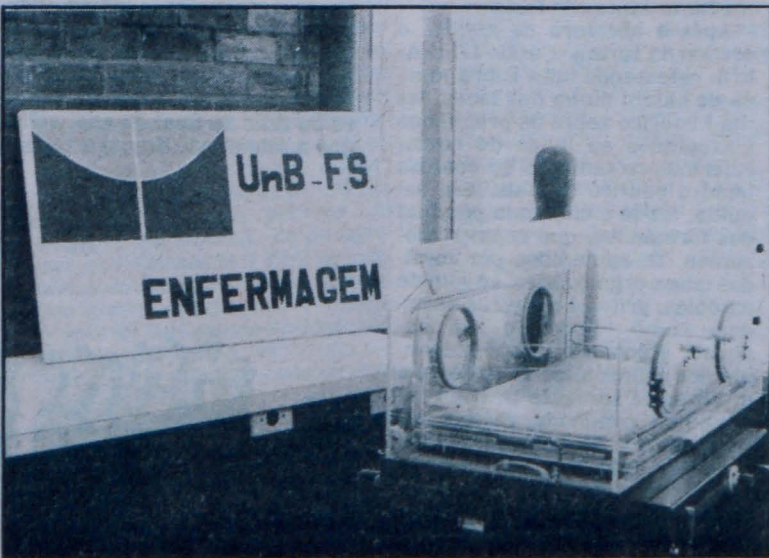
Sem nenhuma contratação efetuada, só restou aos alunos, segundo Sandra, a paralisação das atividades, com a exigência de contratação imediata de um professor para "Introdução à Enfermagem" e "Estágio", um para "Doenças Transmissíveis e Estágio" e "Médico-Cirúrgica 2" e outro para "Médico-Cirúrgica 1".

### QUALIDADE

Já regulamentado pelo MEC/CFE, o curso de Enfermagem — assim como os cursos de Odontologia e Nutrição — permanece vinculado a um dos três departamentos de Medicina. Um das principais metas da nova diretoria do C.A. de Enfermagem, segundo Sandra, é a departamentalização do curso, que necessita de maior autonomia.

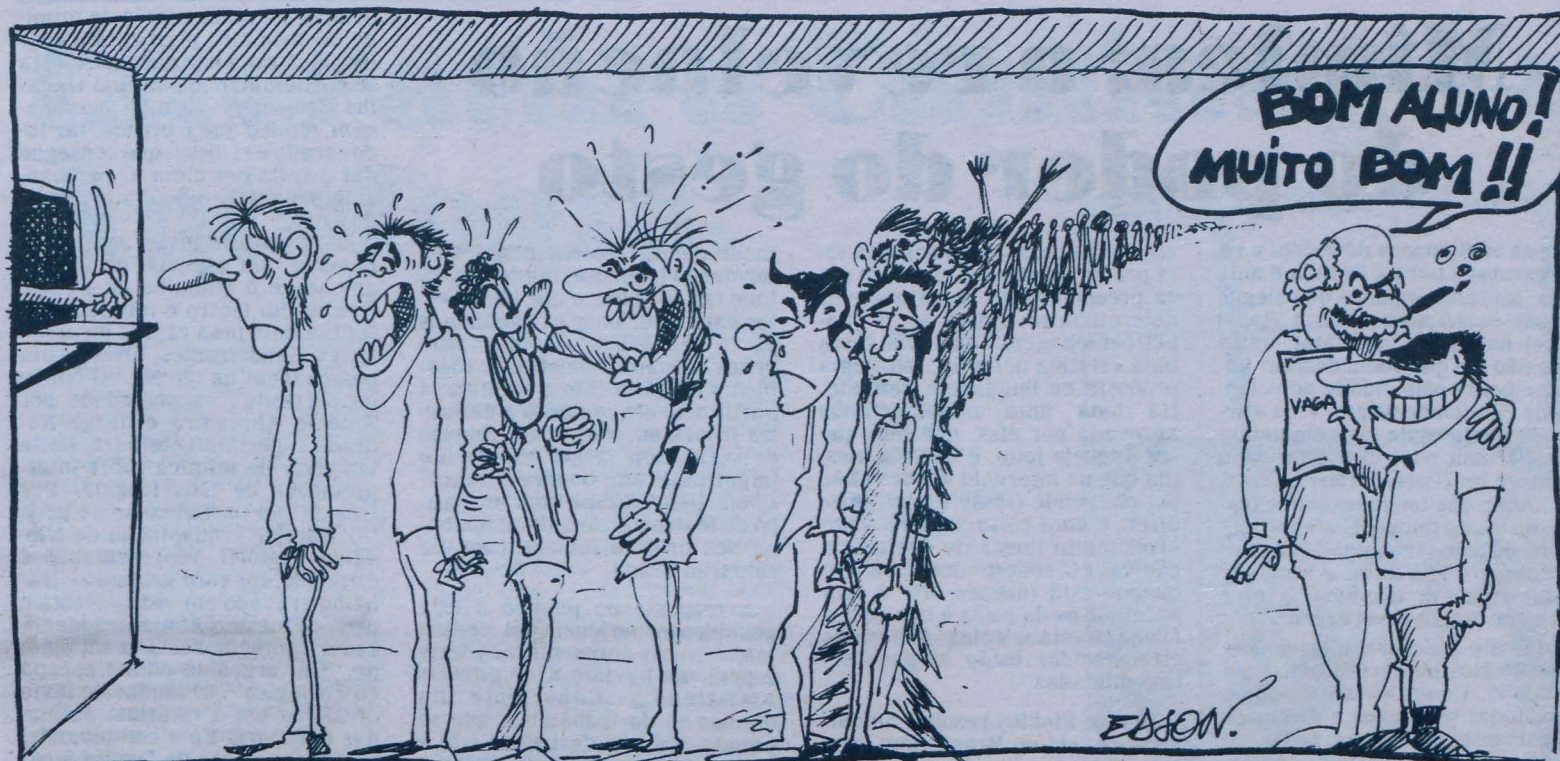
Atualmente, para cada quatro alunos da fase profissional corresponde um professor, e que representa uma excelente relação aluno/professor. O curso conta com dez professores e 40 alunos de profissional e dispõe de 14 disciplinas obrigatórias, além das optativas.

Mas, ao contrário da reitoria, os alunos e professores da Enfermagem não se apóiam nestes dados, ao constatar que o curso é essencialmente prático, exigindo acompanhamento individual dos alunos por parte dos professores. "O importante é a qualidade e não a quantidade". Esta afirmação é da profa. Maria José, de "Introdução à Enfermagem", disciplina prática de 15 créditos. Para ela, as disciplinas práticas devem ter sempre número reduzido de alunos, porque tanto o estudante quanto o professor de Enfermagem "assumem uma responsabilidade muito grande, quando, por exemplo, o aluno aplica injeção em um paciente".



O centro acadêmico de enfermagem quer, agora, a departamentalização





## Me dá uma vaga aí

Desorganização e atropelos nos guichês das secretarias de vários departamentos: esta a marca registrada no período do reajuste, que voltou à tona neste início de semestre. A relativa tranquilidade pretendida com a implantação de nova sistemática no primeiro semestre deste ano, ainda não foi obtida. A redução do período de matrícula, imposta pelo novo calendário, de segundo de semestre, as dificuldades de redimensionamento da oferta e a adoção simultânea de fases distintas do processo de matrícula (reajuste e

matrícula vinculada) foram fatores determinantes da procura desenfreada por uma vaga.

Na verdade o reajuste tem sido ao longo de vários semestres um mecanismo de compensação entre oferta e demanda, procurando minimizar as tensões provenientes do desequilíbrio entre elas. Entretanto, o contínuo esvaziamento da Etapa Única (primeira solicitação) e a supervalorização do reajuste passaram a exigir uma reformulação do sistema de matrícula para evitar a falência de toda estrutura, na im-

possibilidade de se alterar a oferta com a contratação de mais professores.

### NOVA SISTEMÁTICA

Incentivar a matrícula na Etapa Única para que a DAA, de posse da efetiva demanda e antes de divulgar os resultados de matrícula, solicite aos departamentos um redimensionamento da oferta e provoque a retração do reajuste. Esta fórmula, defendida pelo Decano de Ensino de Graduação, professor Cláudio Lúcio Costa, expressa através de

uma forma geométrica, assumiria o aspecto de uma pirâmide onde a base seria a Etapa Única e o ápice dividido em duas instâncias: reajuste e matrícula vinculada, nesta ordem. Desta forma as matrículas, em quase sua totalidade, seriam feitas já na primeira solicitação do aluno, com base em critérios pré-fixados. O problema da oferta deixaria de ser tão evidente e até mesmo poderia ser minimizado a medida que os departamentos abrissem mais vagas. Porém, permanecem algumas questões: Que razões estariam provocando esta situação? Não seria esta uma maneira de se reconhecer a incapacidade do sistema em absorver a demanda? Até quando os departamentos poderão oferecer mais vagas?

### MATRÍCULA VINCULADA

Com a reordenação das etapas de matrícula surgiu uma terminologia nova para uma prática antiga: a matrícula vinculada. Esta denominação aplica-se à vaga extra, concedida pelo departamento a um determinado aluno, mediante aplicação de critérios próprios. Difere entretanto da antiga prática pela necessidade de se encaminhar o pedido à DAA, acompanhado de uma justificativa por parte do departamento.

Esse critério de concessão de vaga, segundo o decano deverá ser utilizado em casos extremos e que não obtenham solução no reajuste.

Mesmo com todos esses artificios parece continuar havendo uma única solução para os alunos: ir à luta, forçar a barra e convencer os professores de suas necessidades, mesmo que para isso tenha de se usar um pouco de tenacidade ou teatralidade. (Otávio Veríssimo)

## UM ALERTA

"A falta de energia elétrica é uma catástrofe". O professor Spartaco Astolfi Filho do Laboratório de Bioquímica faz esta afirmação franzindo a testa e com visível irritação no tom da voz. Sua fisionomia reflete as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos quando falta energia no campus da UnB, ocasionando prejuízos acadêmicos e financeiros incalculáveis, simplesmente porque a Universidade não possui, com exceção do Centro de Processamento de Dados, um único gerador de reserva.

Praticamente todos os laboratórios dos Departamentos de Química, Física e Biologia e alguns laboratórios da Psicologia e da Geociência necessitam de energia elétrica constante, já que possuem aparelhos de alta precisão, drogas que devem ser mantidas sob refrigeração e experiências que não podem sofrer interrupções. Mas o que acontece na realidade é bem diferente: nenhum deles possui gerador de reserva.

No Brasil a energia elétrica sofre uma variação muito grande do seu valor nominal, isto é, a voltagem de 220 volts, por exemplo, flutua entre 160 e 280 volts, e a rede elétrica cai com frequência. Por isto, instituições como as Universidades deveriam ter geradores que fossem acionados automaticamente quando a rede caísse, e estabilizadores de voltagem (espécie de transformador que mantém uma voltagem constante na saída, independentemente da voltagem de entrada), ligados aos aparelhos de precisão, que não podem sofrer oscilações de tensão elétrica. Isso, no entanto, não acontece.

O que acontece, e com frequência, é a perda de experiências de meses de trabalho e de investimentos. No laboratório de Neurobiologia, onde está sendo feito uma experiência com gerações de ratos submetidas à ação constante da luz, a falta de eletricidade provoca a perda total de etapas concluídas. Na Química, segundo o Supervisor Especializado professor José Carlos Andreoli, pesquisas de meses dos alunos do mestrado se perdem não só pela falta de luz como também pela falta de água. E não é só isso. A perda de experiências na Química ocorre também pela baixa pressão d'água que faz com que certos aparelhos não funcionem; outros, mais sensíveis, como o espectrômetro de massas, não podem sequer sofrer variação na voltagem.

### MICROBIOLOGIA

Em outros laboratórios a situação é pior. Na Microbiologia, por exemplo, a falta d'água paralisa as atividades. A falta de energia, por mais de oito horas, ocasiona a perda de coleções de bactérias e protozoários que são mantidas a uma temperatura de -20°C. O professor Isaac Roitman, da Microbiologia, conta uma história para demonstrar o descaso da administração da Universidade em relação a este problema. Diz o professor que no ano passado foi avisado previamente de que faltaria energia das 8 às 16 horas, durante um sábado, quando se faria um concerto na rede elétrica. Conhecedor das coisas da UnB, o professor foi até o seu laboratório, por volta das 16 horas, para se certificar do combinado. Afinal, ele tinha no free-

zer colônias de bactérias que havia trazido dos Estados Unidos para experimentos com engenharia genética na UnB. Se perdesse essas coleções ele não teria como readquirir outras.

Perto das 16 horas a temperatura do freezer, que não poderia chegar a 0°C, estava a -10°C. As 17h a -8°C. O professor Roitman começou então, com uma lanterna na mão e o telefone noutra, a procurar alguém que pudesse religar a rede. No único telefone que atende na UnB afirmavam que nada podiam fazer. O professor procurou então a diretoria da CEB. Finalmente, aos

lhões de cruzeiros em enzimas e muitas substâncias termolábeis (substâncias que se estragam com o calor) foram perdidos. O professor afirma que por causa desses prejuízos, está sendo instalado um gerador nesse laboratório. Mas salienta que isto deveria ser uma medida a nível de Instituto.

### SOLUÇÕES

Solução? Alguns professores, como o professor Paulo Saraiwa, da Neurobiologia, depois de muitas tentativas, conseguiram uma linha do gerador do C.P.D., que agora não as "em-

tar, danificado-os. O professor Moraes cita um caso da Física onde, por causa dessa tensão elevada, já houve dano num aparelho que custa quase 300.000 dólares. Outra necessidade é a aquisição de estabilizadores de voltagem para os aparelhos mais sensíveis. E a solução mais imediata seria o aviso, com antecedência, da falta de energia. Assim, os professores poderiam desprogramar experiências e desligar aparelhos, evitando perdas e danos materiais.

Na Diretoria de Engenharia da Universidade, responsável

## Falta de eletricidade prejudica laboratórios

quinze para as sete da noite, quase três horas depois da hora combinada, voltou a luz, quando a temperatura do freezer era de -2°C. O professor Isaac Roitman afirma que, não fosse o seu esforço, não só aquelas bactérias teriam sido perdidas, como também muitas outras drogas de outros laboratórios, porque a energia, certamente, só chegaria muito mais tarde, causando grandes prejuízos acadêmicos e financeiros à própria UnB.

### BIOQUÍMICA

Foi, por exemplo, o que já aconteceu na Bioquímica. O professor Spartaco Astolfi Filho conta que no ano passado, quando faltou luz por dois dias, mi-

presta" mais. Na verdade, o mais necessário seria a aquisição de um gerador mecânico (movido a óleo) que atendessem ao consumo dos laboratórios e entrasse em funcionamento assim que faltasse energia. Na impossibilidade disso, o professor Paulo César Moraes, da Física, recomenda que seja adquirida uma chave magnética para os aparelhos mais sensíveis. Esta chave se desliga quando a rede cai e, após a volta de energia, só pode ser ligada manualmente. Ela é necessária porque, no momento em que a rede é religada, a tensão volta muito alta, às vezes maior do que os aparelhos podem supor-

pela manutenção da rede elétrica, o engenheiro Décio Vilas-Boas afirma que a falta de energia ocorre sempre por motivos acidentais. Para ele, a solução seria a instalação de geradores mecânicos só nos laboratórios que desenvolvessem pesquisas nas quais a eletricidade fosse essencial, porque o custo de instalação e manutenção de um gerador é muito alto. Décio conclui dizendo que o sistema de alta-tensão da UnB é mantido pela CEB e que os cuidados com a água são feitos pela CAESB, responsáveis, portanto, pelos problemas com a luz e com a água da Universidade. (Luciano Suassuna)





**B**rasília, 23 de setembro de 1984: um orgasmo adulto escapa do Zoológico. A responsável pela façanha: Denise Stoklos, uma paranaense de Irati que vem aos poucos — e brilhantemente — resgatando o karma do anonimato e estigma que persegue os pioneiros de uma arte difícil: a mímica.

Atriz autodidata, Denise Stoklos costuma situar o início do seu envolvimento com teatro "muito antigamente", na curtidão de brincar de representar já aos 3 anos. No colégio escrevia, montava e dirigia (sua estréia profissional foi aos 16 anos, como autora da peça "Circulo da lua, lama na rua", posteriormente editada em livro). Nas férias, levava para

# Mímica: a revelação do poder do gesto

casas os figurinos da escola e representava para a família e amigos, imitando o padre do colégio; desde os 11 anos fazia o Papai Noel nas festas de Natal, única ocasião em que podia desfilar impunemente pela cidade ao volante da camionete do pai. Vida e arte se misturando, se completando. "Minha noção de estar viva sempre foi representando, fazendo. Acho que tenho estudado teatro há muito tempo. Eu tenho tentado, eu tenho trabalhado há muito tempo. Para mim, a noção de estar viva é de trabalho. O lazer eu estou descobrindo agora".

Mas até descobrir o lazer, Denise Stoklos percorreu um longo caminho. Como atriz, trabalhou com todos os grupos e diretores importantes do Paraná; no Rio de Janeiro encontrou Ademar Guerra e Antunes Filho; em São Paulo Luiz Antônio Martinez Correa, do Teatro Oficina, Fauzi Arap e outros.

## "FIM DO CAMINHO"

1977. Cansada de fazer o que sabia, sem perspectivas profissionais outras que ser atriz de televisão (... "ser atriz da Globo... trabalhar a vida inteira para depois virar uma atriz da Globo. Eu não tenho nada pessoal contra as atri-

zes da Globo, mas é porque já está pronto lá, eles lhe chamam para preencher um papel que eles determinaram, não só o papel/personagem mas há toda uma estética definida, toda uma proposta de linguagem definida. Há toda uma movimentação aprovada por eles, que tem que ser daquele jeito, e que é a mesma que no intervalo vende sabão em pó, vende Gessy Lever, quer dizer, é uma coisa sempre a um nível muito linear de comunicação. (...) O contato que você tem quando está fazendo arte é com os impulsos da coisa e não com a forma já estabelecida. As formas estabelecidas estão aí para serem mudadas").

Denise Stoklos resolve mudar. Casa-se, sai do Brasil, tem uma filha e chega a Londres, onde descobre a riqueza do gesto. "Nesta parada fiquei vendo muita coisa, muita coisa que eu não entendia, em outras linguas, mas o gesto das pessoas era muito compreensível. Percebi que a gestualidade significava, a lingua não. Eu não entendia a lingua, mas entendia o sentimento do autor (...) Os sentimentos é que faziam toda a estrutura de uma peça, e não as palavras. (...) Ai, fui fazer um curso de mímica, para conhecer". O curso foi dado por Des-

mond Jones, professor inglês de formação francesa, muito respeitado em seu país, e que abriu testes para selecionar os candidatos às 20 vagas que oferecia. Este primeiro contato celebrou o casamento da atriz com a mímica: a partir dele ela começou a dar aulas e formou, com duas colegas de curso, um grupo hoje muito importante em Londres, excursionou pela Europa com um grupo de teatro até decidir-se a montar seu próprio show, e com ele voltou ao Brasil.

A resposta do público a esta primeira experiência foi "péssima" (...). As apresentações deste espetáculo haviam 8, 10 pessoas assistindo". Consciente da dimensão do trabalho a que se propôs, ela não desistiu: "isso é estudo. O nosso público vai ser reduzido porque isso é um trabalho de vanguarda, no sentido de que a gente está inventando o que é. Eu não estou copiando nada, eu não tenho certeza de nada quando estou fazendo isso. Estou indo por caminhos que eu acho que, dramaticamente, é por aí. É uma coisa de inventar. Eu estou inventando uma escola. Estou inventando um jeito de fazer." Esse jeito de fazer já tem endereço: Rua Tamanás, 72 — Alto de Pinheiros — São Paulo-SP. 05444. A

primeira e única escola de mímica da primeira atriz mímica do Brasil. Uma atriz que agora está se encaminhando para um trabalho "clown", "o meu personagem cômico que é errado, faz tudo errado e ri disso, que consegue dar a volta por cima. O personagem pungente, o lado mais louco da arte".

A TV Cultura levou ao ar, ano passado, um especial de fim de ano sobre o trabalho de Denise Stoklos em teatro e mímica. Ela fez também uma rápida incursão na TV Bandeirantes, vivendo um personagem na novela "O Ninho da Serpente" encomendado por Antônio Abujamra e Jorge Andrade especialmente para ela, e um show de mímica sobre interpretações de Elis Regina. Por trás de sua participação na peça "O Hamlet" (adaptação de Giovanni Testori), representando e dirigindo um coro gestual — trabalho gravado em vídeo — está o dedo do mesmo Abujamra idealizador também desta montagem de "Um orgasmo adulto escapa do Zoológico": 80 laudas de texto divididas em 4 estórias, assinadas por Dario Fo e combinando, na interpretação de Denise Stoklos, teatro tradicional e mímica.

Com planos de viajar o país com "Um orgasmo...", Denise Stoklos já tem em vista pelo menos dois novos textos de teatro, sendo que um deles de parceria com a bailarina Juliana Carneiro. Enquanto isso, "Um orgasmo adulto escapa (novamente) do Zoológico", no Teatro Nacional de Brasília, de 19 a 21 de outubro de 1984.

Carmen Montenegro e Jair Barbosa Jr

## COMPORTAMENTO

# Nas novas gerações, a velha violência.

"— Gente, eu estou em 84. Tenho 21 anos. Pra que eu vou manter um casamento, botar filho no mundo pra ser infeliz? Cansel". Com esse desabafo Ana resolveu colocar ponto final numa relação que durou 6 anos, no início do namoro com um colega de turma, em 78, ao casamento, 4 anos depois, uma semana antes de completar 20 anos.

"Casamento de princesa", conta ela, do jeito que os pais queriam e como ela sempre sonhou. Um sonho batalhado desde a transferência para uma faculdade noturna, que lhe possibilitasse arrumar um emprego em horário integral, ao prazer de ir montando a casa com jeito e gosto próprios. Sonho que começou a virar pesadelo por volta do 4º dos 18 meses que o casamento, a socos e pontapés, heroicamente resistiu.

"Arnaldo era legal, como todo mundo, às vezes se irritava, claro, mas nunca chegou a fazer uma violência comigo, nunca me agrediu. (...) Mas logo depois do casamento começou a violência toda. Ele começou a me irritar. Eu trabalhava no comércio, um trabalho desgastante, trabalhava até aos sábados, tinha aula, chegava em casa cansada: quando era final de semana, eu tomava um banho e a gente saía; dia de semana ele chegava e começava a dizer coisinhas para pra me irritar — do meu pai, minha mãe,

coisas depreciativas, e eu detesto que falem mal das pessoas que eu gosto. Eu pedia pra parar, e ele nada.

Nós tivemos uma briga, eu comecei a falar, ele ficou irritado. Fui para o quarto para não ter problema. O lustre lá era de argolas, e alguma devia estar solta — quando fui arrumar a colcha ele se soltou e explodiu. Arnaldo achou que eu tinha quebrado, entrou no quarto parecendo um vândalo, aos berros de que se era para quebrar ele quebrava e pisou o lustre todo, que ficou um ovo. E começou a bater em porta de armário, e me jogou na cama. Ai foi a primeira vez, eu fiquei atordoada mas gostava dele, e coisa, e tal. Contei pra minha sogra, ela falou com ele, ele se irritou comigo, ficou me dando um gelo quando ele é que tinha começado. Nós paramos, conversamos, ele prometeu, jurou que nunca mais ia fazer aquilo, mas sempre tinha uma agressão, um tapa, um soco, ele fechava a mão

Foram sucessivas agressões, mas espaçadas, e sempre depois a gente falava. A última foi perto do Natal. Nem sei porque começou a briga, eu nunca dei motivo pra ciúme, ele nunca me bateu bêbado, pelo contrário, bêbado ele ficava muito mais carinhoso, mas depois não. Ele só era carinhoso quando queria alguma coi-

sa, queria ir para a cama, um carinho, me dava nojo, me sentia uma piranha. Dessa vez ele perdeu totalmentne a calma, veio para cima de mim no sofá e começou a me socar, eu me defendendo, porque eu não tenho força nenhuma. Cai no chão e ele me chutou, socou, não mediu consequências. Comecei a berrar, a pedir para ele parar, e ele berrou sai daqui, some daqui.

Eu estava de camisola, me troquei, sai e pensei: vou à polícia. Mas tive medo de ir à delegacia, não por causa dele. Imagina eu, menina 20, 21 anos, chegando de madrugada na polícia — não tive condições de chegar sozinha na delegacia. Porque eu ia fazer corpo delicto, queria me prevenir de alguma coisa. Morria de medo porque ele tinha loucura pra levar um revólver para casa, o revólver do pai dele, e eu tinha horror, medo, pânico. Numa dessas ele puxava o revólver pra mim, eu morria, e ninguém nunca ia saber porque, porque eu nunca contei nada para ninguém. Ai eu não fiz nada, voltei para casa mais tarde.

Ele já estava calmo e a gente conversou, eu falei que não tinha condições de continuar, aquelas promessas todas que a partir do momento em que ele sai do sério... Pra mim ele tem uma paranóia, não é normal. (...) Ele não

assume, acha que a gente se separou porque uma amiga minha fez minha cabeça, ao contrário, ela sempre me disse para não separar. Ele achava que estava certo, não via maldade naquilo, ele não consegue ver o mal que me fez, ele não vê nem o mal pra poder consertar. Eu acho que ele tem um problema sério, só pode ter, pra não enxergar o quanto é grave ele me bater.

Podia ter sido tudo lindo, mas eu comecei a me questionar quando eu nunca quis ter um filho com ele, eu tinha medo de ter filho com ele. Como eu não tive um lar ruim assim, eu não tinha o direito de botar um filho no mundo pra sofrer isso.

É difícil para a mulher parar e pensar assim: vou me separar. Você fica sozinha, fica muito mais vulnerável. (...) Ele me aborreceu depois que a gente se separou, ligava pro meu trabalho pra me chamar de galinha. Falava, me xingava, e eu dizia: pára, Arnaldo, não é isso. Ele pedia desculpa e eu falava: vai ser sempre assim. Vai ter sempre uma agressão e uma desculpa. Eu cansel".

Julgávamos que a geração de Ana e Arnaldo repudiava com veemência certas práticas consideradas, até bem pouco, tão normais quanto admissíveis no âmbito da vida conjugal. Em vez disso, ela as reforça e reproduz. O depoimento de Ana abre uma série de 4 reportagens sobre o tema "Mulheres espancadas", onde, abrindo espaço para antropólogos, sociólogos, advogados e outros, o Campus espera chamar atenção para o absurdo de uma agressão quase institucionalizada. (Carmen Montenegro e Mônica Ferrelira).





# Literatura Candanga em Antologia.

O espaço literário em branco está novamente aberto aos talentos jovens nas áreas de crônicas, contos e poesias. A Global, com sede no Rio de Janeiro, depois de promover e editar a "Antologia-coletânea de poemas pornôis", lança-se noutras vertentes das Letras, conclamando os artistas para uma nova reunião. Desta vez trata-se da "Antologia de Arte Contemporânea Brasileira", a ser lançada até o final deste ano. Nesta edição vão ser incluídos trabalhos que contenham um mínimo de qualidade e tragam seus temas e conteúdos de forma sintética e linguagem simples.

No Rio, a "Gang" - grupo de promoção cultural de música, teatro e poesia, é quem está articulando o recebimento do material a ser impresso depois de selecionado. Esse pessoal trabalha sob um lema muito conhecido pelos fãs do Liga Tripa: "ou nós se une, ou nós se fode", e dentro desse espírito já conseguiram muito, agitando desde Ipanema, base astral, até bairros dos subúrbios carioca. Contando ainda, com uma editora de peso para respaldar as investidas da moçada nas artes gráficas.

Se uma "gang" agita na Cidade Maravilhosa, na Capital da Esperança ainda resta alguma e a galera que mexe com poesia e literatura não está de braços cruzados. Mesmo não tendo uma editora para apoiar e publicar seus trabalhos, os poetas da Capital do Futuro batalham das mais variadas formas, o seu lugar ao sol. Um exemplo disso é a edição, pelo Sindicato dos Professores do DF, da coletânea de contos, do concurso anual da entidade, o "Conta Professor", sempre trazendo novidades promissoras.

## PAO, PAZ E POESIA

Nem só de pão, paz e poesia vive o homem, ele vive do suor do seu rosto. Gustavo Amargendon,

estudante de Letras e revolucionário poeta neoconcretista candango é dessa opinião. Foi ele quem contactou, com a "Gang" pelas praias da Cidade Maravilhosa e de lá trouxe as novidades culturais do momento, que sempre levam um certo tempo para chegarem a capital federal. Cotando com presenças de poetas universitários ou já formados aqui, como Tony Pessoa, Menezes e Moraes, além de outros, Amargendon diz a respeito dessa fusão de tendências na literatura universitária, exemplificando como forma justa de todos terem privilégios, a criação de uma Cooperativa dos Poetas de Brasília, idéia dinâmica para colocar em evidência os verdadeiros interessados na temática brasiliense de se ver e se escrever.

Num bate-papo informal com este periódico, o poeta tocou na necessidade da nova articulação dos espaços culturais existentes e por existirem ainda dentro da UnB. Lembrou-se da época em que ele, Argemiro Neto e Anand Rao criaram o espaço junto à comunidade: o "Show do Arroto", ao meio dia. Todos devem estar lembrados da Expoarte. Pois é, ela não morreu ainda, e deverá ter seu acontecimento previsto para o final do ano. Quem não se lembra do projeto "Seis-e-mela", dos alunos e professores da música, na Concha Acústica, desde o ano passado desarticulado? Dado o horário o show era conhecido como pôr-do-sol. Sugerindo coisas democráticas de participação, a comunidade só tem a ganhar. Como em termos do aproveitamento do Teatro de Arena para teatro mesmo, trazendo e montando ali peças universitárias, por que não?

Por fim, Amargendon criticou a falta de liderança cultural e política, não só a nível de UnB, mas cronicamente a nível de cidade e País para esse tipo de expressões artísticas. Verificou o

Se uma "gang" agita na Cidade Maravilhosa, na Capital da Esperança ainda resta alguma e poetas e literatos não estão de braços cruzados.



desmérito e anonimato por que passa o literato dentro de uma instituição de cabeças aparentemente abertas, críticas e, teoricamente de vanguarda, enquanto universidade. Citou o descrédito por parte da Editora da UnB em não publicar obras de escritores da própria universidade como um bom exemplo disso. Foi lembrado do fato de o professor Casiano Nunes, da Letras, ter lançado seu livro "Atualidade de Monteiro Lobato" fora da UnB. O poeta não terminou sem antes tocar nas cordas de seu alaúde poético, dedilhando habilmente suas fusões fonêmicas, num assunto vital para a sobrevivência do artista cidadão de um modo geral e em particular a figura do poeta candango, desabafando: "Nós poetas candangos, de raízes culturais no Planalto Central, não recebemos apoio nenhum, nem oficial, nem particular. É uma situação de desrespeito. Por isso acrescenta: "Queremos orgasmo para substituir a gasolina". Sem dúvida um apelo candango à liberdade de expressão. Deixou-se para outra oportunidade a polémica de que o universitário poderia vir a não ler um tra-

balho da nova geração de poetas, pelo fato de não se estar habituado a ler com frequência.

## LEITURA UNIVERSITÁRIA

O hábito de leitura dos universitários da UnB começa aos poucos a sair dos "Primeiros Passos" - a coleção do "o que é o que é", indo em busca de uma literatura mais abrangente e crítica. Um exemplo é a vendagem relativamente variada de tipos diferentes de livros, tanto na livraria como na banca de revistas e jornais. Juntamente com os livretos de bolso tipo: "O que é Anarquismo", "Liberdade", ou "Reforma Agrária", que trazem autores de peso no cenário nacional como Marilena Chauí, Jean-Claude Bernardet, entre outros, os estudantes de cursos diversos tem procurado, mesmo que esporadicamente, ter acesso a livros de autores como Umberto Eco com "O Nome da Rosa", ou "Feliz Ano Velho", de Marcelo R. Paiva, além da coleção "Os Pensadores" e dos livros da Editora da UnB (Ciência Política e História), e mais, livros como "Cos-

mos" e "Origem das Espécies" bem vendidos.

Para Jorge Ramosd, funcionário da Nossa Livraria, "não há um hábito de leitura constante por parte das pessoas que diariamente frequentam a universidade. Há um desestímulo talvez pelos elevados preços dos livros, de 15% oferecido aos compradores". É possível que apenas 20% da comunidade frequente a livraria, isso valendo também para a biblioteca. Este número se eleva do semestre com a procura de livros didáticos dentro dos currículos. Vale lembrar aos interessados, no entanto, que a livraria trabalha com o serviço de encomenda, além de ter anexo um Sebo de livros de estoques antigos sendo vendidos a preços que variam entre 200 e 5 mil cruzeiros. A frequência da biblioteca dos estudantes é média, "mas poderia ser melhor se os alunos não fossem tão arredios a ela", esta é a opinião de uma bibliotecária, que acrescentou no final: "Os estudantes não sabem aproveitar o manancial de escritos, literatura e informação que está dentro da biblioteca". (Benné Eustáquio Mendonça).

## PROJETO BEM-TE-VI

# Brasília entra no ar com Tânia Quaresma

"Brasília é a cara do Brasil. Aqui as contradições estão na cara. Aqui se tem a falsa sensação de segurança". Com essa frase a cineasta Tânia Quaresma definiu uma das razões que a levaram a escolher Brasília como sede do projeto que idealizou e que realiza atualmente: O Bem-Te-Vi. Em sua primeira fase o projeto se ocupa em mostrar Brasília para ela mesma, para o País, e, posteriormente, para o mundo. Utopia? Alguns acham que sim. Mas a determinação de Tânia demonstra que pelo menos tentar continua valendo apenas. Os resultados o demonstram.

E foi assim que Brasília entrou no ar. Os programas "Sob o Céu de Brasília" e "Os Pioneiros", que foram levados ao ar pela TV Nacional, possibilitaram à população da cidade a oportunidade de conhecer um

pouco mais de si mesma, de sua história e de seu espaço físico.

Segundo a responsável pelo projeto, ele "comporta todas as formas de mostrar Brasília para ela mesma em primeiro lugar, nos vinte e cinco anos que a cidade completa no ano que vem". Mas o Bem-Te-Vi não é apenas um programa de televisão. A página que sai todas as segundas-feiras no CORREIO BRAZILIENSE, também faz parte do projeto pois, como define Tânia Quaresma "o Bem-Te-Vi não é um programa de televisão. É uma idéia de usar os espaços todos, tendo a TV como base, para fazer as pessoas se verem e com isso raciocinar sobre sua própria situação".

## MERCADO ALTERNATIVO

Além da interessante proposta do projeto que utiliza uma linguagem diferente para velhas e novas mensagens, um dos pontos que mais se destacam nesse trabalho é o caráter alternativo do mesmo. Uma produção independente com propostas alternativas dentro de um veículo de linguagem viável, como é a televisão co-

mercial, é uma boa novidade. Sobre tudo quando esse acontecimento tem como cena a capital federal, conhecida como grande importadora da célebre programação "plim-plim" e de banguês-banguês americanos que refletem parcialmente a realidade, tanto da cidade quanto do País.

Mas como é uma produção independente numa cidade que possui pouca ou nenhuma tradição nesse ramo? Como afirma Tânia Quaresma "o mercado alternativo quando eu cheguei aqui não existia. As pessoas que começaram a trabalhar comigo nunca tinham trabalhado em televisão". Ela diz que esse foi um dos fatores que a fez vir para Brasília: para traçar seu caminho e abrir as portas.

## PATROCÍNIO

A dificuldade de patrocinador não é um dos problemas que mais afligem Tânia, pois como ela mesma diz "eu tenho facilidade de conseguir dinheiro pois acredito no que faço e sei fazer bem o que me proponho a fazer". Foi assim que pouco tem-

po depois de chegar em Brasília ela já tinha conseguido um contrato com a TV Nacional para apresentar as séries "Sob o Céu de Brasília", "Os Pioneiros" com grande sucesso de público e crítica.

Mais tarde conseguiu o patrocínio da Fundação Pró-Memória para quem realizou várias horas de vídeo. Ela diz que todo o material rodado para apresentação de um programa de TV que deveria ir ao ar no mês de setembro foi feito com a verba conseguida desse patrocinador.

A maior dificuldade que encontrou foi no relacionamento com as pessoas que, segundo Tânia "têm medo de se expor" e achavam seu projeto utópico. Por isso decidiu, a partir de agora, não formar mais equipes. Vai deixar que as pessoas que queiram trabalhar com ela apareçam naturalmente, sem convites formais, mas dentro do espírito do projeto que, segundo sua idealizadora, é mais que um projeto de televisão, é uma proposta de vida. (JAIR BARBOSA JR.)



# UnB investe em tecnologia de computadores

Quando um aluno da Universidade entrega ou retira um livro da biblioteca, ele não percebe, num primeiro instante, a rapidez desse processo. Em meio minuto a operadora recebe o sabe se ele está ou não reservado e se este ou outro livro que o aluno retirou está ou não atrasado, graças ao simples apertar de dez teclas num terminal de computador da biblioteca. Não fosse isto, o aluno esperaria entre três e cinco minutos para devolver um livro.

Esta pequena história dá uma idéia da importância desta máquina. A agilização no processo de obtenção e cruzamento de informações é vital em qualquer área do trabalho humano, especialmente nos trabalhos científicos. Por isto, vários departamentos da Universidade já possuem computadores para o uso diário. E o caso da medicina, pedagogia, estatística, engenharia elétrica e química entre outros.

Apesar de ser novidade nestes Departamentos, a utilização do computador na UnB começou na década de 60 com o 1130 da IBM que tem uma capacidade central de memória de 64 k bytes, isto é, armazena 64 mil caracteres — um computador de porte médio. Em 1972 a Universidade adquiriu um computador de grande porte: o 6700 da Burroughs com 2.4 m bytes (2 milhões e 400 mil caracteres) de memória central já que o 1130 estava sobrecarregado de serviços. Foi com o 6700 que o Centro de Processamento de Dados passou a existir tal como ele é hoje.

Quando começou a funcionar o C.P.D. prestava servi-

ços externos para alguns órgãos públicos como o Ministério das Comunicações e o Ministério da Educação e Cultura (principal cliente) mas na medida em que estes órgãos implantavam seus próprios serviços de processamento, o C.P.D. da UnB voltou-se cada vez mais para a prestação de serviços internos, isto é, serviços exclusivos da Universidade. Dessa forma, os serviços de contabilidade de pessoal, de orçamento, de material, de patrimônio e os serviços acadêmicos foram racionalizados pelo Centro de Processamento de Dados.

Desde o começo deste ano, segundo o coordenador técnico Lúcio Carlos Andrade Borges, o C.P.D. tem se preocupado com a implantação de computadores na área de ensino e pesquisa. Assim, existem igualmente 35 terminais e microcomputadores ligados ao sistema central do Centro de Processamento de Dados e, até o final deste ano, serão ligados a este sistema mais 10 terminais para a engenharia civil, possibilitando um acesso mais rápido às informações de interesse acadêmico.

Quanto aos programas (software) utilizados pelo C.P.D., Andrade Borges diz que são desenvolvidos pelos professores e alunos do curso de Processamento de Dados mas que grande parte dos programas são pacotes comprados de empresas, nos quais o C.P.D. muitas vezes faz as adaptações necessárias.

Com o aumento da demanda dos serviços do C.P.D., procurou-se aumentar a capacidade do computador 6.700. Em 1978, foram desen-

volvidos, por técnicos do C.P.D., adaptadores de linha de comunicação — de 6 passou-se a 16 — a um custo 20 a 30 vezes menor que o proposto pelo fabricante do computador. Com o sucesso dessa iniciativa o C.P.D. decidiu, então, desenvolver outros projetos. Fez-se uma memória local para um processador de comunicação, também a um custo bastante reduzido. Em seguida, veio o projeto mais audacioso: fabricar uma memória central, uma das coisas mais importantes num computador. Foi feito, primeiramente, um estudo conjunto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, em seguida, cada Universidade desenvolveu seu trabalho. Entre 1981 e 1982 o C.P.D. construiu uma memória de 800 k bytes, aumentando em um terço a capacidade da memória existente (2.4 m bytes). A iniciativa foi tão bem sucedida que o C.P.D. já fabricou mais duas memórias desse tipo: uma para a Universidade Federal de Minas Gerais e outra para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E espera novos pedidos de outras Universidades...

Existem, hoje, no País, 37 cursos superiores de Processamento de Dados: 15 formam bacharéis (após 4 anos de curso) e 22 formam tecnólogos (em um período mínimo de dois anos e meio). A Universidade de Brasília teve seu curso autorizado a funcionar em 1973 e reconhecido em 1976, sendo uma das primeiras universidades a formar tecnólogos em processamento de dados.

(Luciano Suassuna)

Aprovado no Congresso Nacional no dia três deste mês, a Nova Lei de Informática é a síntese das pressões exercidas por diversas entidades da Sociedade Civil e pelas empresas do setor. Foram meses de discussões que envolveram, até mesmo, os candidatos à Presidência. O ex-governador Tancredo Neves mostrou-se favorável à reserva de mercado para "hard-

ware" e o deputado Paulo Maluf disse ser contrário. No final, venceu Tancredo: a nova Lei de Informática prevê a reserva de mercado para oito anos.

No caso da Universidade brasileira, um item da Lei traz especial interesse: o que cria o Fundo Especial de Informática, formado por 0,8% dos impostos do setor. Serão aproximadamente 700 bilhões



Estudantes do Departamento de Engenharia Elétrica montam um microcomputador.

## O mercado de informática

Finalmente votado projeto de lei que regulamenta as atividades de informática no País. Depois de um longo processo de discussão, com a apresentação de 261 emendas, o Congresso Nacional voltou a repetir a façanha de 31 anos atrás, quando foi aprovado o monopólio estatal do petróleo.

Segundo Benjamin Sicsu, superintendente da Novadata, empresa, de sistema e computadores do DF, ao analisar-se o projeto, deve-se vê-lo como um todo e não apenas se ater a um determinado item. "A grande virtude e a grande vitória deste projeto é que pela primeira vez as decisões em relação à política de informática foram tomadas pelo Congresso Nacional, o que assegura a democratização do processo".

A Novadata é uma das duas únicas fábricas de computadores dentro do Distrito Federal. Entrou em operação em 81, produzindo um mini e já em 83, um micro profissional. Segundo José Geraldo de Mello, supervisor de engenharia, "o setor bancário, órgãos públicos e empresas comerciais são os principais compradores". Dentro do DF, já começaram o processo de automação o Ministério da Aeronáutica, o SERPRO, Serpro, o IBDF, o Incra, a NIMED e vários bancos que integram a Associação de Bancos Estaduais — ASBACE. Com capital 100% nacional e tecnologia própria, a Novadata tem um quadro de 90 engenheiros brasileiros, a maioria deles formados em Brasília e São Paulo.

Para Benjamin Sicsu, a reserva de mercado de oito anos aprovada pelo Congresso Nacional só tem vantagens. "Ela vai assegurar a fixação de uma tecnologia nacional, nossa capacidade

de desenvolver, projeta projetar e construir máquinas, e não apenas copiá-las. E deter a tecnologia é soberania nacional na área de informática". Os Estados Unidos, forte opositor de uma reserva de mercado brasileiro, a prática internamente: só podem vender para o governo americano, que é o maior comprador de produtos e serviços da informática, empresas americanas.

### CONCORRÊNCIA DESLEAL

A segunda fábrica existente no DF é a Prólogo, empresa de produto produtos eletrônicos, que até recentemente produzia computadores e serviços apenas para a IMBEL, Indústria de Materiais Bélicos. Apesar de oficialmente existir uma determinação por parte da diretoria da empresa no sentido de não fornecer informações à imprensa, uma fonte credenciada nos adiantou que a Prólogo tem subvenções governamentais para a prática do Lobby, o que muito ajudou na aprovação da reserva de mercado pelo Congresso. Segundo parecer desta mesma fonte, os programas produzidos pela Prólogo são destinados em sua maioria a empresas que lidam com armamentos, "daí o desejo de manter suas atividades internas o mais longe possível da imprensa". Fomos informados ainda, que a Prólogo não concorre no mercado sob as mesmas condições que as outras empresas do ramo, devido a altos subsídios que recebe de áreas governamentais ligadas à produção de armamentos.

### DESEMPREGO

De acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), por volta de 1990, a microeletrônica e a informática eliminarão 65% dos empregos no se-

## "Ensino não melhora"

O subsecretário da Secretaria de Informática do Ministério da Educação e Cultura, e professor do Departamento de Estatística, Jair Lapa, fala ao "Campus", sobre a informática na educação.

**Campus** — Até que ponto a informatização da universidade democratiza o conhecimento?

**Lapa** — Acho que a informatização da universidade na realidade amplia a possibilidade de conhecimento de todos os integrantes da comunidade universitária. Por isso, eu não acredito que seja um processo elitizante.

**Campus** — Que facilidades terão professores e alunos com o computador?

**Lapa** — O computador é um instrumento. É como um telefone. Ele apenas processa dados com maior rapidez e os transmite com mais velocidade. É lógico que você tendo acesso a uma maior quantidade de dados você terá melhores condições de estudo e de pesquisas, mas você precisa saber usar. E entender que o computador é um meio, ele não é um fim. Mas não vai ser a computarização da universidade que vai melhorar o padrão de ensino.

**Campus** — Existe, por parte do MEC, alguma verba ou projeto destinado à implantação da informática no ensino?

**Lapa** — Há um esforço muito grande para se alocar a informática no ensino. A dificuldade é que o País como um todo está atravessando sérias dificuldades, e há a questão de prioridades. A distribuição de re-

cursos dentro da universidade, cabe ao reitor. Não é o MEC que vai distinguir entre o reitor colocar um computador, um laboratório de mecânica ou um hospital. Isso compete aos professores e ao reitor.

**Campus** — Há algum item no projeto de lei de informática que se preocupe especificamente com o desenvolvimento da ciência brasileira como um todo?

**Lapa** — Praticamente o embasamento do projeto é o desenvolvimento da ciência, não digo bem da ciência, mas da tecnologia brasileira.

**Campus** — Que implicações a aprovação do projeto trará para a educação brasileira como um todo?

**Lapa** — O substitutivo cria um fundo que poderá canalizar maiores recursos para a pesquisa, para a formação de gente. O que precisa é haver uma política para desenvolver gente.

**Campus** — O computador é capaz de resolver o nosso problema crônico de educação: a alfabetização?

**Lapa** — Eu não acredito. O computador pode ajudar, só que até hoje não existe um computador que faça isso. Mas se algum dia surgir uma metodologia de ensino que use o computador, que venha de fato a melhorar a parte de ensino, principalmente de alfabetização, a gente gostaria que ele estivesse embutido nos aspectos mais importantes da cultura brasileira. Mas se o computador vai resolver, eu tenho cá minhas dúvidas. Ele vai ajudar mas ninguém vai substituir o trabalho do professor.

(Luciano Suassuna)



e cruzeiros destinados  
nualmente à pesquisa na  
rea de informática.

O Campus não se ausenta  
da discussão e procura nestas  
suas páginas retratar a utili-  
zação da informática na Uni-  
versidade brasileira e na  
UnB, paralelamente à apre-  
sentação da questão da infor-  
mática na vida brasileira, es-  
pecificamente na educação.



ador com verba própria

## EDISON DITZ

### Computação: fator de mudança social?

Entrevista com o secretário-  
executivo da Secretaria Especial  
de Informática, Edison Ditz,  
principal articulador do Projeto  
do governo da Lei de Informáti-  
ca.

**Campus — A reserva de merca-  
do existe também para o "soft-  
ware"?**

**Ditz —** Nós estamos começan-  
do a discutir o problema mais  
abrangente do "soft". A questão  
do "soft" é muito delicada sobre  
os aspectos de classificar o que  
ele é: produto, direito de autor ou  
propriedade industrial? No mun-  
do inteiro, poucos países já se de-  
finiram. O Brasil vai tentar pro-  
teger pelo menos parte deste  
mercado.

**Campus — Como a SEI encara  
o "soft"?**

**Ditz —** Nós o encaramos como  
um misto entre direito de autor e  
propriedade industrial. Mas nós  
gostaríamos mais de classificá-lo  
como um programa, para que ao  
invés de legislar sobre idéias, so-  
bre especificações, se possa le-  
gislar sobre a parte de produto.  
Fica mais fácil você qualificar,  
cobrar impostos, controlar ex-  
portações, etc.

**Campus — As universidades,  
principais formadoras de mão-  
de-obra especializada para o se-  
tor, foram consultadas quando da  
elaboração das questões perti-  
nentes à NOVA LEI DA INFOR-  
MÁTICA?**

**Ditz —** Nós estamos trabalhando  
dentro do projeto, na SEI, há

mais de um ano. Quando nós já  
tinhamos um esboço caminhando  
para o final, nosso ministro cha-  
mou toda a área acadêmica. Eles  
sugeriram uma série de idéias e  
essas idéias foram incluídas no  
projeto. O substitutivo corrigiu,  
agora, o projeto, criando o fundo  
especial de informática, para o  
qual serão destinados 0,8% dos  
impostos cobrados. É um número  
em torno de 700 bilhões de cruzei-  
ros por ano para aplicação em  
pesquisa na área de informática.  
Foi uma correção muito bem fei-  
ta em relação ao projeto original.

**Campus — Há algum item no  
projeto que se preocupe especifi-  
camente com o desenvolvimento  
da Ciência Brasileira como um  
todo?**

**Ditz —** No Conselho vai se dis-  
cutir o problema da informática,  
as consequências da informática  
na sociedade e provavelmente  
neste nível de discussão vai sur-  
tir a interação necessária com a  
Universidade. Porque não adian-  
ta você tentar achar soluções in-  
dustriais se a universidade não ti-  
ver, na parte da educação, parti-  
cipação pesada nisso. E nesta dis-  
cussão seguramente vai haver  
envolvimento com outras áreas  
da Ciência.

**Campus — Que implicações a  
aprovação do projeto trará para  
a educação brasileira como um  
todo? E quais seriam as conse-  
quências específicas para as uni-  
versidades?**

**Ditz —** Ontem (03/10) nós assi-

namos no MEC em conjunto com  
o CNPq, a transferência de recur-  
sos para cinco projetos universi-  
tários, os chamados projetos  
EDUCOM-Computadores na  
Educação. Foram escolhidas cin-  
co universidades que vão aplicar  
a informática em escolas de 1º e  
2º graus vinculadas a essas uni-  
versidades. Esse é um caminho  
que está começando a ocorrer. O  
outro, a nível de universidade, de  
pesquisa, eu esperaria uma dis-  
cussão mais ampla do Conselho.  
Hoje não existe um programa  
bem definido, existem alguma  
coisa ocorrendo. Nós criamos um  
centro em Campinas que tem tido  
uma boa interação com a Univer-  
sidade em quatro áreas: Micro-  
eletrônica, computação, instru-  
mentação e automação. Nessas  
áreas estão havendo programas  
conjuntos, discutidos amplamen-  
te, com pessoal da universidade e  
até de indústria.

**Campus — Que resultados po-  
dem advir do uso do computador  
na educação?**

**Ditz —** Eu acho que vai haver  
uma revolução no ensino. Áreas  
como a medicina, por exemplo,  
onde a educação pode ser bem es-  
truturada, serão reformuladas.  
Tudo que for repetitivo vai ficar  
para a máquina, tudo que for  
criativo será destinado ao ho-  
mem. A idéia que se tem é que is-  
so vai vir em benefício do homem  
como indivíduo e nós esperamos  
que isso traga ao homem mais  
participação, mais democracia.

**Campus — Finalmente a ques-  
tão mais polêmica. Por que a in-  
formática é encarada como uma  
questão de segurança nacional?**

**Ditz —** Existe o problema da  
segurança nacional e o da defesa  
nacional. A defesa nacional é um  
problema puro e simplesmente  
das Forças Armadas, alguém

preocupado em defender o terri-  
tório brasileiro se este território  
fosse invadido. O problema da se-  
gurança nacional é associado à  
nossa forma de vida. Se alguma  
coisa ameaçasse essa forma de  
vida, aquilo poderia ser classifi-  
cado como interesse da seguran-  
ça nacional. É um problema am-  
plo e depende de quanto esse mo-  
do, essa forma de vida, esse pa-  
trimônio é ameaçado.

O quadro da informática vai  
mudar nos próximos 10, 15, 20  
anos. Nossa sociedade vai ser  
transformada pela informática.  
Se nós não comandarmos esse  
processo de mudanças sociais  
nos moldes que atenda nossa cul-  
tura, nossas diferenças, etc, nós  
vamos ser modificados por ou-  
tras culturas. E isso não se quer.  
Sob esses aspectos, a informática  
no nosso entender, é encarada co-  
mo um problema de interesse da  
segurança nacional.

**Campus — Mas existe uma li-  
gação entre segurança nacional e  
defesa nacional por causa da  
questão dos armamentos.**

**Ditz —** Hoje no Brasil não exis-  
te isso. O envolvimento dos mili-  
tares com a informática é peque-  
no.

**Campus — Ao encarar a infor-  
mática como questão de seguran-  
ça nacional, não poderia haver,  
por parte do Governo, um contro-  
le muito grande de informações  
sobre todos os brasileiros?**

**Ditz —** Todo o trabalho da SEI  
é um trabalho puro e simples-  
mente tecnológico. Nós não en-  
tramamos nunca na questão do con-  
teúdo das informações que estão  
nesses bancos de dados. Nosso  
trabalho sempre foi a tecnologia  
dos "chips", da micro-eletrônica,  
do "soft", dos equipamentos.  
(Marina Maria e Luciano Suassu-  
na).

## GERSON PFITSCHER

### Micros: Luta por um espaço nacional

Entrevista com o professor  
Gerson Pfitscher, do departa-  
mento de Engenharia Elétrica  
(UnB), responsável pela orienta-  
ção dos alunos que fabricaram no  
1º semestre deste ano, um micro-  
computador para controle de pro-  
cessos.

**CAMPUS — As universidades  
brasileiras possuem suporte téc-  
nico para a pesquisa na área de  
informática?**

**GERSON —** É claro que sim.  
Possuímos muita competência. O  
que nos falta é dinheiro. Também  
crescemos de centros de pesquisa  
na área de software, que é a parte  
mais importante de um computa-  
dor. Ainda não temos no País,  
uma política definida para o de-  
senvolvimento específico desta  
área.

**CAMPUS — A UnB, através do  
Departamento de Engenharia  
Elétrica, possui um laboratório  
de pesquisa na área de  
informática?**

**GERSON —** Não. O que temos  
são perspectivas de implantação  
gradativa de um laboratório de  
microcomputação na área de  
"hardware". Recentemente foi  
assinado um convênio entre a  
UnB (Eng. Elétrica) e a Prólogo  
(empresa ligada à IMBEL-  
Ministério do Exército que pro-  
duz equipamentos eletrônicos em  
geral) para a doação de um labo-  
ratório de microcomputação que  
inclui dez microcomputadores.  
Com esse laboratório poderemos  
desenvolver projetos de pesquisa  
na parte de aplicação de hardwa-  
re.

**CAMPUS — O departamento  
possui algum projeto de pesquisa  
voltado especificamente para a  
área de informática?**

**GERSON —** Sim. Contudo devo  
esclarecer que nossas pesquisas  
visam somente a aplicação da In-  
formática e da Ciência da Com-  
putação, nos aspectos específicos  
da Engenharia Elétrica. Nesse  
sentido, consultamos recente-  
mente a Finep-SEPLAN (respon-  
sável pelo financiamento de pro-  
jetos de pesquisa na área tecnoló-  
gica) sobre as nossas intenções  
com o projeto "NECESSIDADES  
básicas para a implantação da  
área de automação-computação  
no mestrado em Engenharia Elé-  
trica da UnB". Ele está voltado  
basicamente para a Pós-  
Graduação e visa o desenvolvi-  
mento de pesquisa em soft aplica-  
do na área de Engenharia Elétri-  
ca: soft para controle de proces-  
sos; robótica; processamento de  
sinais, estudo de redes de compu-  
tadores e protocolos (comunica-  
ção de computadores entre si).

**CAMPUS — Não existe tam-  
bém um projeto desenvolvido a  
nível mais descentralizado?**

**GERSON —** Sim, realmente.  
Foi elaborado e executado duran-  
te o primeiro semestre deste ano  
um projeto final de graduação pe-  
los alunos Fernando Albuquerque,  
Miguel Moreira Neto e Raul  
Sanchez que eram meus orien-  
tandos. O tema  
Microcomputador para Controle  
de Processo foi desenvolvido du-  
rante os últimos 4 meses com a  
montagem do Hardware que já  
está sendo utilizado de maneira

restrita pois é necessária a cria-  
ção de um soft específico. No en-  
tanto, Heber Brandão, aluno aqui  
da Elétrica, já está desenvolvendo  
esse soft, o que ampliará consi-  
deravelmente a sua potenciali-  
dade. O custeio de ambos os pro-  
jetos tem sido feito por nós mes-  
mos.

**CAMPUS — Quais as intenções  
do Departamento ao promover a  
I e II Semana de Informática da  
UnB?**

**GERSON —** Tentar sensibilizar  
toda a comunidade acadêmica da  
UnB, para o problema da política  
de informática, além de promo-  
ver maior contato dos alunos e  
professores com os temas e os  
profissionais que estão atuando  
nesta área, fora da universidade.  
Com isso, acreditamos que esta-  
mos propiciando o aumen-  
to do nível aumento do nível de cons-  
ciência e participação nos assun-  
tos da informática, aqui dentro  
da própria UnB.

**NCAMPUS — Professor Ger-  
son qual a sua opinião sobre a re-  
serva de mercado?**

**GERSON —** Particularmente  
sou a favor da reserva. Ela é im-  
portante para desenvolver a área  
de informática no Brasil, entre-  
tanto, acredito que ela deveria se  
aplicar a qualquer área de Ciên-  
cia de Computação englobando  
tanto o software quanto o hard-  
ware. Se você propicia uma re-  
serva de mercado de informática  
você está promovendo o desen-  
volvimento de competência na  
área de produção, comercializa-  
ção e utilização de computado-  
res, o que é imprescindível para  
uma nação como o Brasil, que  
tenta expandir o seu desenvolvi-  
mento sócio-econômico e dimi-  
nuir sua dependência tecnológi-  
ca. Se o Brasil não possui uma re-  
serva de mercado, ele facilita a  
importação e com isso, estare-  
mos financiando a "pesquisa" no  
País de origem do produto, en-

quanto nós não estaremos reali-  
zando nem pesquisa nem gerando  
novos empregos para a popula-  
ção, tornando-nos cada vez mais  
um país empobrecido.

**CAMPUS — No Projeto de Lei  
de Informática (SEI) existe uma  
preocupação específica com o de-  
senvolvimento da Ciência Brasi-  
leira como um todo?**

**GERSON —** Que eu saiba não.  
Se assim fosse ele incluiria nos  
seus itens as áreas de Saúde e  
Educação, preocupações básicas  
de qualquer projeto a nível nacio-  
nal. A meu ver o projeto deveria  
se chamar Soberania Nacional,  
incluindo todos os ramos de Pes-  
quisa e Tecnologia.

**CAMPUS — Que implicações a  
sua aprovação trará para a Edu-  
cação Brasileira e quais seriam  
os reflexos nas universidades?**

**GERSON —** Sem a preocupa-  
ção de financiar a pesquisa a mé-  
dio e longo prazo nas universida-  
des, a informática só poderá con-  
tribuir para a melhoria dos níveis  
educacionais brasileiros de uma  
maneira muito aquém do seu po-  
tencial. Oito anos para uma re-  
serva é um tempo muito curto pa-  
ra incluir um projeto de forma-  
ção de recursos humanos. Sem is-  
to, estaremos quase que total-  
mente dependentes às pesquisas  
estrangeiras no ramo.

**CAMPUS — Por que a Informá-  
tica, no projeto anterior à apro-  
vação, era encarada como uma  
questão de Segurança Nacional?**

**GERSON —** Veja bem: não po-  
demos esperar que os  
"americanos" (entre outros) se-  
jam brasileiros por nós. Cabe so-  
mente a nós mesmos e a mais  
ninguém, impedir a nossa pró-  
pria venda (do Brasil). Na minha  
opinião, os militares seriam as  
últimas pessoas a se deixarem  
vender, devido à sua própria for-  
mação profissional dentro de  
rígidos padrões de patriotismo e  
nacionalismo. (Josué Benitz)

## a no DF

tor de telecomunicações, 50% no  
setor bancário, 3% no setor de  
transportes e 40% da mão de obra  
dos escritórios. Para Augusto Sil-  
veira de Carvalho, presidente do  
Sindicato dos Bancários do DF,  
"ainda não há uma demissão em  
massa dos bancários, a despeito  
da intensa introdução de equipa-  
mentos avançados de processa-  
mento de informações, porque a  
rede financeira continua em ex-  
pansão". Segundo Augusto, os  
trabalhadores não são contra a  
tecnologia e o avanço da ciência,  
mas acreditam que ela deve deva-  
ser aplicada a bem de toda a so-  
ciedade e não com o objetivo ex-  
clusivo de maximização de lu-  
cros: "Se em termos absolutos a  
categoria dos bancários cresce,  
em termos relativos verifica-se  
uma grande demissão através do  
processo de rotatividade. Hoje se  
pode dizer que bancário é uma  
categoria descaracterizada e  
descartável. Homens que antes  
eram indispensáveis e insubsti-  
tuíveis estão gradativamente ce-  
dendo lugar a operadores de má-  
quinas".

Sobre a emenda apresentada  
pelo PT e incorporada ao projeto,  
que prevê a criação de uma co-  
missão paritária de empregados  
e empregadores para decidir so-  
bre a instalação de máquinas em  
unidades industriais, Augusto diz  
ser da maior importância para os  
trabalhadores como um todo e es-  
pecialmente para os bancários:  
"São estamos preocupados quanto  
à forma como ela será regula-  
mentada. Esperamos que os em-  
pregados sejam realmente elei-  
tos pelo movimento sindical, de-  
mocraticamente, para que o rit-  
mo de implantação de tecnologia  
possa ser controlado e não redun-  
de em desemprego em massa".  
(Thais Bastos)



# A CASA PRÓPRIA

O dia a dia dos ex-invasores, na QE 38 do Guará II, e o drama dos mutuários do BNH são duas faces de um mesmo problema: a questão da casa própria.

Trata-se da dura realidade de um País onde o Estado não fornece à população as mínimas condições de bem estar e sobrevivência. São apenas dois aspectos de uma realidade para a qual existem soluções, mas faltam atitudes.



Kátia Turra

Mesmo com o estado inacabado das casas, os novos moradores da QE-38 estão satisfeitos

## Equivalência Salarial: vitória certa na justiça

"O BNH simplesmente esqueceu a legislação e, já a algum tempo, passou uma borracha por cima do plano de equivalência salarial, que garante, ao mutuário, o direito de ter as prestações reajustadas de acordo com o seu aumento de salário". A declaração é de Euclides Barreto que, em agosto deste ano, obteve liminar na justiça contra os índices de reajuste da casa própria, fixados pelo BNH.

Euclides entrou para o Sistema Financeiro da Habitação em 1974, quando comprou seu apartamento na SQS 306 através da Caixa Econômica Federal. Desde então, vinha pagando normalmente sua mensalidade, até que, há dois meses, sua prestação foi reajustada em 203%, passando de Cr\$ 35 mil para Cr\$ 107 mil. A partir daí, Euclides interrompeu o pagamento e procurou o Codemut — Comitê de Defesa dos Mutuários do DF — para mover ação judicial contra os aumentos fixados pelo BNH. No dia 13 de agosto o juiz lhe concedeu liminar que suspende, até decisão final, o índice de reajuste, aplicado desde o mês de julho.

Os processos dessa natureza que tramitam na Justiça Federal tem tido, em geral, sentenças favoráveis. A base de todo o processo é a lei 4.380/64, que criou o BNH e previu a equivalência salarial nos contratos de interesse social. A lei 4.380 prevê, em seu artigo 5º, o Plano de Equivalência Salarial — PES —, ou seja, "reajustamento das prestações mensais de amortização de capital, acessórios e juros, de acordo com os aumentos de salários e vencimentos da época".

Como se vê, a lei está do lado do mutuário. E não se trata apenas da 4.380. Segundo a juíza Ana Maria Pimentel, da 5ª Vara da Justiça Federal, a equivalência salarial é implícita aos contratos e respaldada na Constituição. O plano de equivalência salarial apenas reafirma um pressuposto que é base neste tipo de contrato, a capacidade do devedor de honrar seus compromissos.

Ao receber um pedido de empréstimo para aquisição da casa própria, o mutuário atende às exigências do agente financeiro, que age em nome do BNH. Dentre essas exigências, a mais im-

portante é a comprovação de seus rendimentos. A razão disso, de acordo com a Doutora Ana Maria é simples: a inadimplência do futuro mutuário-devedor. Para isso, o BNH determina que o comprometimento da renda bruta do aspirante à obtenção da casa própria, não passe de um percentual que o habilite a cumprir o contrato. Dessa forma, para saber se o contrato está sendo obedecido é necessário constatar-se se o comprometimento inicial da renda bruta do mutuário está sendo cumprido. Portanto, qualquer índice usado na correção das prestações só é importante na medida em que reflita a variação de valor da moeda e não desequilibre a relação inicial.

Mas o país real, muitas vezes não acompanha o país legal. Para Euclides Barreto, "mais da metade dos mutuários não podem conviver com os atuais índices de reajuste, impostos pelo Banco Nacional da Habitação, e a situação de inadimplência perdura, porque a maioria tem medo de ir à justiça protestar".

(Dércio Rodrigues e Rodrigo Mesquita).

## Favelados recebem "embriões" sem água, luz e esgoto

Com paredes de alvenaria sem acabamento, mais janelas, portas e telhado, foram entregues os "embriões" — como são conhecidas as casas da mais nova quadra do Guará II, QE 38 — construídas para os ex-moradores das invasões do Guarazinho, Vila União e Vila Socó.

Os 536 "embriões", que terminaram de ser distribuídos no dia 1º de outubro pelo Centro de Desenvolvimento Social do Guará (CDS), ficarão agora a cargo de cada família, que deverá arcar com o custo de mão-de-obra e do material necessário para a instalação de água, esgoto e luz, assim como a divisão dos cômodos.

Segundo Ivanilda Macedo, diretora do CDS, a transferência atendeu a uma reivindicação de dois anos dos antigos moradores das invasões. Ivanilda afirmou que "em momento algum foi dito que o GDF daria casas construídas" pois o custo seria muito alto e as pessoas não teriam condições de pagar as prestações". Com os "embriões", as prestações não ultrapassarão o valor de 10% do salário mínimo.

### TRANSFERÊNCIA

Apesar dos gastos que terão com as casas, os ex-moradores das invasões preferem a QE 38. Segundo Heliete Lima da Silva — Lita —, presidente da Associação dos Moradores da Vila União, a nova quadra facilitará o acesso às escolas, assistência médica e comércio. A associação de moradores do Guarazinho, também desejava a mudança, pois o acampamento da Fundação Zoológica, próximo ao Zoológico, não lhes oferecia nenhuma comodidade e segurança, disse Francisco de Assis Alves da Costa, Conselheiro Fiscal da Associação.

De acordo com a Diretoria do CDS, todos os moradores das invasões foram transferidos. "As associações serviram de intermediário entre a Secretaria de Serviço Social (SSS), acompanhando os grupos de cadastramento no local ou fornecendo nomes de vizinhos". Os casos de não transferência ocorreram

apenas com as pessoas que construíram os seus barracos após o cadastramento, na tentativa de também conseguir um lote. Porém, para estes casos, o CDS não encontrou nenhuma solução, e os novos invasores terão que abandonar os seus barracos.

Os ex-moradores da Vila União estão empenhados em realizar um mutirão a fim de recolher material de construção para o término dos "embriões". Em geral, a renda familiar não passa de um salário mínimo. Há, no entanto, 50 famílias sem renda alguma, e que neste caso torna impossível o pagamento dos Cr\$ 170 mil necessários ao custeio de material a ser usado no acabamento dos "embriões". Uma nova fonte de lutas se iniciará com a unificação das Antigas Associações, dando continuidade ao trabalho de melhoria habitacional.

"O CDS dará vasos sanitários às famílias mais carentes", diz Ivanilda, e as prestações dos lotes começarão a ser pagas daqui, aproximadamente, três meses, dando aos novos proprietários a oportunidade de realizarem, a curto prazo, as melhorias necessárias. O CDS oferecerá também cursos de horta caseira e dará início a um Programa de Melhoria Habitacional e Profissional.

As denúncias publicadas no "CORREIO BRAZILIENSE", de 29/09, acusando o presidente da Associação dos Moradores do Guarazinho de ter facilitado o cadastramento ilegal, não foram confirmadas.

Segundo Pedro Ribeiro da Silva — um dos denunciantes — Ademir Caldas incluiu no cadastro pessoas que não moravam na antiga favela, em troca de "propinas". Com isso, afirma, 15 famílias ficaram sem moradia.

Para o Secretário de Serviços Sociais, Haroldo de Castro, as denúncias não têm fundamento, pois o cadastramento foi feito, e é de inteira responsabilidade da SHIS. Mesmo assim, já foi iniciado um trabalho de sindicância "para saber com detalhes a vida sócio-econômica de cada morador".

(Carmen Kozak Simaan e Ana Cristina Marques)

## A luta de quem comprou

Com mais de 3000 processos na Justiça Federal e 60% deles ganhos em favor do mutuário, o Codemut — Comitê de Defesa do Mutuário — funciona há quatro meses no Sindicato dos Professores do Distrito Federal, orientando proprietários de imóveis na briga contra o Sistema Financeiro da Habitação. A base legal é, quase sempre, a lei 4380, que trata da Equivalência Salarial. E, segundo o advogado Mário Gilberto, não há como a justiça indeferir os pedidos baseados nessa lei.

Para o tesoureiro do Codemut, Edilson Muniz, enquanto não se acabar com a figura do atravessador, ou

seja, do Agente Financeiro, que segundo ele, é o responsável pelo aumento de 15% do valor total das prestações, não se pode acreditar que haja uma mudança na política habitacional. Para isto, o Codemut criou uma subcomissão na Câmara dos Deputados para estudar os problemas habitacionais brasileiros. A subcomissão, que funciona desde o início de setembro, já apresentou ao Plenário da Câmara anteprojeto que prevê a retirada do Agente Financeiro e a reafirmação da lei 4380. Segundo Edilson, esta lei criou, além da defesa do proprietário, o próprio Banco Nacional da Habitação.

Para o mutuário de

Brasília entrou com mandado de segurança através do Codemut, são necessários os seguintes documentos: contrato de compra e venda de imóvel; comprovante do reajuste salarial nos últimos 12 meses; comprovante dos carnês de pagamento, um referente ao mês anterior ao reajuste e outro do mês em que a prestação foi reajustada; dar uma preocupação outorgando amplos poderes ao Codemut; e efetuar o pagamento de uma taxa que fica em torno de Cr\$ 50 mil, para dar entrada ao processo. Maiores informações pelo telefone 2261366, no Sindicato dos Professores do D.F., no Setor Comercial Sul. (Cátia Abreu)



Com a crise que assola e desola a massacrada classe média, o jeito é apelar para opções pouco convencionais:  
Feira do Guará e Ceilândia

## Uma boutique de frutas, legumes e roupas "in"



Para o pequeno, o início de um longo dia de trabalho

Você já imaginou que a blusa ou a calça "transadas" que acabou de comprar naquela boutique sofisticada, você poderia adquirir pela metade (ou menos) do preço, sem precisar ir aos grandes centros? Basta ir à Feira do Guará.

"Uma vez uma mulher veio aqui e me comprou 200 peças, entre blusas, calças e saias, e disse que era para um orfanato. Aí passou um tempo e eu fui ao Plano Piloto pagar uma taxa num banco, e quando fui saindo vi que ao lado tinha uma boutique. Olhei a vitrine e reconheci o material; entrei e vi a tal dona do orfanato, que era a dona da boutique. Ela quando me viu disfarçou, se escondeu para não falar comigo. Foi engraçado. Mas isso acontece muito aqui. A gente traz material de 1<sup>a</sup> do Rio de São Paulo e vem gente das lojas do Plano, das satélites e até de Anápolis e Goiânia comprar para revender", conta o sr. João Ferreira dos Santos, especializado em confecções femininas.

A feira é uma profusão de cores, sons, cheiros, sabores e tipos vários, como o menino que finge ter um mi-

crofone na mão para anunciar sua mercadoria. Mas o que realmente atrai o consumidor é a diversidade de produtos — confecções, artesanatos, jeans, brinquedos, utilidades domésticas derivados do leite (manteiga, queijo, requeijão, doces diversos), frutas legumes, hortaliças, produtos granjeiros (galinhas, ovos, porcos), carnes, peixes, lanchonetes. Além da qualidade e, obviamente, o preço.

### CONFORTO

A essas vantagens pode-se juntar agora, o conforto. Há dois meses a administração do Guará entregou aos feirantes o galpão novo, uma área retangular com piso de cimento e cobertura, que abriga todas as barracas, dispostas em setores. Há também sanitários, torneiras e o escritório da administração da feira.

Para Cid Joaquim da Cunha, estudante de Educação Física na UDF e dono, com os pais e irmãos, de uma barraca de confecções femininas, a mudança para o galpão ajudou muito aos feirantes e consumidores, mas "ainda não está a altura do público que a frequenta, a classe média do

Plano e do Guará, principalmente. Pobre aqui não interessa, esta é uma feira de elite, veja a mercadoria. Os sanitários e o chão, por exemplo, poderiam ser melhores".

### PRESSÃO

Uma das maiores reivindicações dos vendedores de confecções da feira é a concessão de mais um dia de trabalho para o setor durante a semana (os hortifrutigranjeiros funcionam toda a semana, exceto às 2<sup>as</sup>). Inicialmente, o setor funcionava diariamente; em seguida, três vezes por semana. De seis anos para cá, somente aos sábados. "Você vê; a gente paga 30 mil por mês de ICM para trabalhar 4 vezes por mês. Mas aí tem pressão dos comerciantes do DF", afirma Cid.

Quanto aos lucros, os resultados são realistas: a confecção feminina em geral vai bem, obrigado, com lucros de 40 a 50%. Já outros setores, como roupas para crianças e brinquedos, "a feira não dá nem para as despesas da casa", diz D. Lair Godoi, vendedora de peças infantis. Segundo ela, "o feirante é considerado a classe mais

baixa, e ainda paga pelo que não é seu", referindo-se ao ponto, que não pode ser negociado.

Os hortifrutigranjeiros encontrados na feira são trazidos da CEASA de chácaras próximas. "A qualidade e a variedade dos produtos compensam a vinda até aqui", diz Neuza Queiroz Amorim, consumidora, estudante de biologia na UnB. Segundo ela, vale a pena vir uma vez por semana para a compra de produtos perecíveis e uma vez por mês para as confecções.

"O supermercado é estereotipado, você compra tudo pelo preço imposto. Aqui você tem bom preço, qualidade e diversão, e feira é diversão", comenta o advogado Djalma Batista, morador da 210 Sul. "Eu venho sempre; o atendimento é ótimo, todo mundo quer vender. Olha só o visual, o cheiro. Tem queijo de coalho, manteiga da terra, ovos caipira, caldo de mocotó. Eu almoço aqui tranquilamente. A feira é ótima, e eu, com bom brasileiro, sou louco por feira. O que falta aqui é divulgação, é propaganda. Se a imprensa desse uma mãozinha..."

(MARTA Rosário)

## Alternativa de economia e emprego

O brasiliense que pretende fugir dos luxuosos e caros supermercados do Plano Piloto pode encontrar como opção a pitoresca feira da Ceilândia. A feira não se resume apenas na venda de roupas e hortifrutigranjeiros; ela conta com inúmeras outras atrações, como a própria viagem, no ônibus-integração, nos quais dezenas de garotas procuram vender chocolates, sorvetes e o conhecido dim-dim, sempre de maneira muito divertida.

A feira, que está localizada no centro da Ceilândia, funciona todos os fins de semana e tem como principal atração a famosa "feira do rolo": local onde todos trocam ou vendem os seus produtos — usados ou não — por outro de maior interesse. Existe de tudo troca de relógio por bicicleta, camisas por televisão, passáros por rádio e etc. Os preços também não são muito caros; você pode encontrar uma televisão por 60 mil ou mesmo um fogão por 25 mil cruzeiros. Segundo o feirante Sebastião da Silva, a feira do troca-troca já existe há mais de 12 anos e ao contrário do que muitos pensam, objetos roubados e sim usados.

Entre a feira do rolo e o galpão, local onde funciona a feira regularizada, existe um enorme caminho que

serve de palco para um alegre e animado forró. Centenas de pessoas cantam e dançam ao som de uma afinada sanfona e de uma contagiante voz caipira. Caminhão que em determinados momentos também serve de palco para os entusiasmados discursos do pessoal do PT.

No galpão o tumulto é intenso, milhares de pessoas procuram comprar seus produtos e acabam na dúvida entre a qualidade e os gritos dos vendedores que procuram atrair os consumidores através de ofertas tentadoras.

Para Gilmar Bernades, dono de uma barraca de roupas, apesar de ter comprado sua barraca por Cr\$ 800 mil e ter que ir a São Paulo em busca de produtos mais baratos, o lucro ainda é satisfatório — 30%. Ele conta que é funcionário do Tribunal de Contas da União e que o seu salário não chega à metade do seu lucro em apenas quatro dias de feira por mês.

### INTERMEDIÁRIOS

Para dona Jerônima, dona de uma barraca de hortifrutigranjeiros e uma das mais antigas feirantes, a coisa muda de figura quando se trata de vender frutas e verduras. "Nós temos que comprar os produtos através de inter-

mediários e por isso mesmo nunca encontramos um preço bom. Só para o senhor ter uma idéia, desde de agosto que eu não tenho lucro nenhum", afirmou.

Quanto ao consumidor, a principal deficiência da feira é a falta de higiene. Não se pode andarr na feira sem encontrar uma fruta podre no chão, garante Francisco Marinho, um dos mais antigos frequentadores do local. Ele também disse que a falta de segurança é um dos pontos que mais prejudicam a feira.

Terminada a feira e com as sacolas cheias de compras, é passagem obrigatória dos consumidores pelos restaurantes de comidas típicas — em geral do nordeste — para um rápido lanche ou até mesmo para um bom almoço. Também é muito frequentado o "bar-boite" onde a cerveja é motivo de procura. Para os mais jovens, a opção é a feira ripe que, para não fugir da regra, também vende seus produtos a um preço muito baixo. Já para os feirantes, após um dia inteiro de trabalho, só resta desmontar suas barracas e torcer para que o próximo fim de semana traga mais lucro. Luiz Claudio Machado Alves).

## Precinho camarada

Na Feira do Guará você encontra blusas da moda a partir de 5 mil cruzeiros; camisetas a 10 mil; camisas a 25 mil; macacões a partir de 20 mil; calças e jaquetas de 20 a 35 mil; biquínis e maiôs de 10 a 16 mil; isso além de conjuntos, camisas, lenços, meias, etc.

Na área de acessórios: cintos emborrachados e de vários tipos a partir de 3 mil cruzeiros; bolsas emborrachadas por 5 mil mil; sandálias a 6 mil; tênis a partir de 15 mil cruzeiros.

Nos hortifrutigranjeiros o preço não varia muito dos supermercados, embora ainda mais barato. A grande vantagem é a qualidade e variedade dos produtos. Derivados do leite; queijos frescos e requeijão de 5 a 6 mil o quilo; doces diversos (de leite, leite talhado, leite com coco, goiaba, mamão, etc), em média 2.400 cruzeiros o quilo. Isso tudo com uma vantagem: você pode pechinchar.



# Sismologia: UnB sabe quando o mundo treme

No princípio da década de 70, os habitantes da região de uma pequena barragem hidrelétrica de Minas Gerais começaram a sentir tremores de terra intensos, que ocorriam com muita frequência. Hoje, com a finalidade de estudar esse fenômeno, que pode ser originado pela formação do lago da barragem, o laboratório de sismologia da Universidade de Brasília vem desenvolvendo pesquisas dessa natureza em grandes obras como Itaipu, Furnas e Tucuruí.

Na realidade, o laboratório de sismologia da UnB, por ser o mais potente do Brasil, ainda tem outras atribuições importantes: além de analisar toda a sismicidade brasileira, ele tem a capacidade de detectar abalos sísmicos em todos os pontos do planeta.

Em 1966, a Universidade de Edimburgo-Escócia procurava, no Brasil, um local adequado para instalar uma estação sismográfica. Pelas condições geológicas, topográficas e facilidade futura de transmissão de dados, Brasília foi escolhida como o local ideal. O convênio foi assinado com a FUB, entrando o sistema em atividade provisoriamente. Ao longo do tempo, outros convênios foram assinados para a instalação de novos sistemas, sendo que o último, assinado com a United States Geologic Service, consiste num processo de alta resolução, cujos dados vão ser transmitidos através de satélites. Sua implantação começa no próximo ano.

Sendo assim, a estação sismológica da UnB é composta de diferentes sistemas, cada um com sua particularidade, como por exemplo o IDA, que consta de um gravímetro com condição de registrar a variação da maré terrestre local. Todo este conjunto possibilita que o laboratório seja hoje um dos mais capazes do Brasil.

## INTERCÂMBIO

Apesar do Brasil ter um Índice de baixa sismicidade, não se registrando muitos abalos, a importância do laboratório é, principalmente, devido aos benefícios que ele proporciona a países como Peru, Chile e Japão, que enfrentam sérios problemas de terremotos. A obtenção de dados precisos é de grande utilidade para que outros

países estudem com mais detalhes sua sismicidade.

Diariamente é enviado, do Brasil, um telex com todos os dados registrados e devidamente analisados para uma entidade existente no Colorado-EUA. O laboratório americano recebe dados semelhantes de todas as partes do mundo, separa os melhores e com eles obtém a perfeita localização dos tremores que ocorrem em toda a Terra. Este trabalho rotineiro é uma das atividades mais significantes de uma estação sismológica, estando o interesse científico acima de qualquer fronteira política ou ideológica.

Como parte deste intercâmbio, o laboratório da UnB, juntamente com outras estações estrangeiras, participará, em outubro, de um teste técnico para verificar a capacidade de estações como essa detectarem e identificarem explosões nucleares.

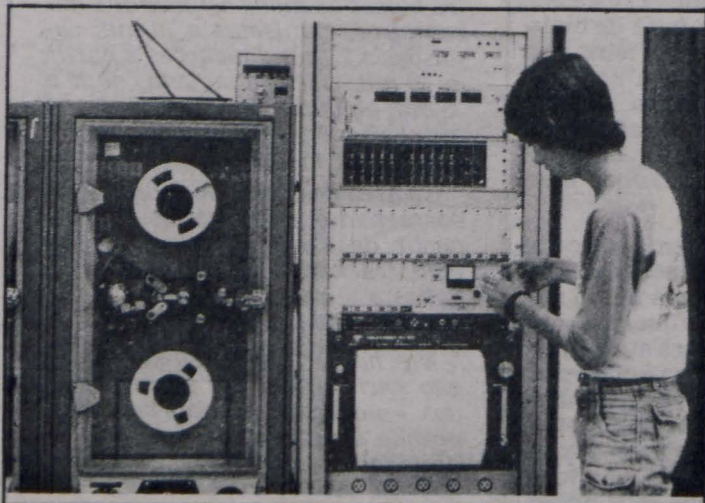
## RECURSOS

A prestação de serviços através de convênios, é a principal fonte de recursos para o desenvolvimento do laboratório. Segundo o professor José Alberto Vivas, Veloso, que há nove anos trabalha no laboratório, sendo que nos três últimos como coordenador, "não é necessário, com frequência, recorrer a administração da UnB, em busca de recursos, pois nós temos esses meios".

Por volta de 72, a estação sismológica começou a ser requisitada para prestar serviços para empresas brasileiras envolvidas na construção de barragens. Hoje, a estação controla mais de 20 áreas de barragens ou futuras barragens no Brasil.

Esta prestação de serviços traz benefícios imediatos capazes de permitir o desenvolvimento de novos projetos. Um exemplo disso é a instalação de uma estação na Ilha da Trindade, a 1.000 km da costa do Brasil. E o professor Veloso ainda explica que os recursos adquiridos são utilizados também para contratar cerca de 10 alunos-bolsistas, um secretário e comprar equipamentos ou componentes para construí-los.

Embora o laboratório seja praticamente auto-suficiente financeiramente, a falta de recursos humanos é um problema que limita sua capacidade de crescer ainda mais. A necessidade de pelo menos mais dois professores é grande. "mas com muito esforço e um pouco de sorte se pode desenvolver as coisas dentro da Universidade, mesmo com os problemas que existem", diz o prof. Veloso.



O laboratório possibilita também experiência para alunos bolsistas

(Ana Cristina Braz e Dinalva Ferreira)



# Homens e abelhas unidos na produção de técnica e arte

A apicultura é uma atividade que envolve técnica e arte. Quem participa dia a dia da vida de uma colmeia costuma possuir características bastante especiais. São pessoas de grande personalidade, habitualmente sonhadoras, calmas, meticolosas, essencialmente amantes da natureza. Este é o perfil traçado pelo professor Renato Campos, trinta anos de apicultura, introdutor desta prática em Brasília através de um curso ministrado em 1982 na Fazenda Água Limpa da UnB. UnB.

Segundo o professor, o apicultor experiente é capaz de identificar o estado emocional de uma colmeia através do próprio zumbido das abelhas — se estão alegres pela produção do dia ou tristes pela perda de sua rainha.

## AS AFRICANAS

Até 1956, predominavam no Brasil as abelhas vindas da Europa, como a abelha itália e a caucasiana. São abelhas extremamente mansas e sua produção de mel segue as estações climáticas européias, ou seja, aumentam sua produção no verão e armazenam para consumi-la no inverno.

A partir desta data foi introduzida no Brasil a abelha africana, fato que revolucionou a apicultura brasileira e de grande parte da América Latina. Geneticamente, a abelha africana é dominante sobre as européias, além de ser mais resistente e possuir maior capacidade de adaptação, já que o clima africano é parecido com o brasileiro. Estas abelhas podem produzir até 30% a mais de mel do que as européias.

A espécie, introduzida através do Rio de Janeiro, logo se disseminou por todo o País, migrando principalmente para o nordeste. Devido à sua característica mais agressiva, a criação da abelha africana obrigou à utilização de novas técnicas e equipamentos. O uso de roupas especiais

para proteção tornou-se essencial, assim como a atividade passou a ser realizada por mais de um pessoa. Os fumigadores — aparelhos que lamçam fumaça para desorientar as abelhas — tiveram que ser adaptados para o uso constante de até cinco ou seis horas.

## A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

Gregos e egípcios já possuíam apiários, mas para eles a vida das abelhas era um mistério. Segundo o professor Renato, foram quatro as invenções que transformaram a apicultura em objeto de estudo científico, todas realizadas na segunda metade do século passado. Antes dessa época, as abelhas lacravam a colmeia com própolis unindo os favos de tal maneira que impediam a observação de sua produção. Longstroth, criando o quadro móvel em 1851, descobriu queve espaçamento de milímetros entre os favos as abelhas não fecham a colmeia, o que permite a retirada e observação dos favos. Esta caixa retangular com dez quadros, ou a "caixinha de Loigstroth" é utilizada até hoje pelos apicultores, sendo que cada caixa comporta sessenta mil abelhas.

Para agilizar a produção das abelhas, o alemão Mehing inventou, em 1865, a "cera alveolada", uma lâmina que imprime os hexágonos onde as abelhas produzem os favos. Dessa forma é poupado o tempo para a produção da cera.

A separação do mel dos favos, permitindo o seu reaproveitamento na formação de outras colméias, viabilizou-se através da invenção da centrífuga pelo prussiano Kruska. A última descoberta foi o fumigador, de importância decisiva para a prática da apicultura em espécies africanas.

## APICULTURA NO CERRADO

A Associação Apícola do DF — APIDF — está lutando pela autosuficiência de mel em nosso mercado, mas a produção vinda do sul do País ainda é dominante. A própria APIDF não possui um registro exato do número de apicultores e de sua produção. Segundo o professor Renato, devem existir cerca de vinte apicultores produzindo uma média que varia de quinze a sessenta quilos de mel por ano.

A falsificação do mel é um problema que vem preocupando produtores e consumidores. O professor Renato revela que existem vendedores que "fabricam" o produto em casa se utilizando de ácido cítrico, ácido tartárico, açúcar refinado e essência de mel para sorvete, produtos que podem ser encontrados ali mesmo, em Taguatinga. (Ana Cristina Sampaio e Rosane Carneiro)





SOCIOLOGIA DA UnB PESQUISA A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO BRASIL

# Trabalhadores rurais e avanço tecnológico

A acelerada modernização agrícola havida no Brasil nos anos 70 e 80 foi marcada por uma maior utilização de máquinas (principalmente tratores) e insumos modernos (especialmente fertilizantes e defensivos químicos), tendendo a beneficiar o grande produtor, e aumentar a presença de trabalhadores temporários (bóias-frias) e a acentuar o êxodo rural. E esta uma das conclusões da pesquisa que foi recentemente realizada por professores do Departamento de Sociologia da UnB, sob a coordenação da professora Vilma Figueiredo. A pesquisa destacou a atuação dos trabalhadores rurais sindicalizados ante os impactos da penetração de tecnologia no campo.

A modernização da agricultura deu-se através de estímulo governamental à absorção de novas tecnologias pelos produtores agropecuários. Isto num momento de autoritarismo político muito forte, quando os pequenos produtores rurais tiveram totalmente bloqueados os canais de participação na formulação das políticas de modernização da agricultura. Essa modernização, ou tecnificação da agricultura, segundo a professora Vilma, tende a acentuar a concentração de terras e rendas, pois possibilita aos grandes produtores um aumento considerável na sua produtividade, diferentemente do que ocorre

com os pequenos produtores, que são levados muitas vezes a vender-lhes sua terra.

## POLÍTICAS

Surge então o problema do acesso à tecnologia. A absorção de tecnologia tem dois suportes fundamentais: a política de crédito rural com juros subsidiados e a pesquisa agropecuária. A adoção de inovações tecnológicas, muito cara, requer do produtor condições mínimas de produção e produtividade, isto é, que ele possua um lastro financeiro suficiente para arcar com um empréstimo. Estas são condições que poucos pequenos produtores têm. Seriam pois necessárias condições especiais de crédito, diferenciadas por tipo de produtor. Segundo a professora Vilma, a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) não desenvolveu sistematicamente pesquisas que beneficiassem o pequeno produtor. Embora a Embrapa tenha produzido tecnologias adequadas ao pequeno produtor, estas foram feitas na forma de "pacotes tecnológicos", elaborados por produto e não por tipo de produtor.

Quem determina que pesquisas a Embrapa deve fazer? Quem elabora a política de crédito rural, suporte indispensável à absorção de tecnologia? Estas questões colocam o problema da "contaminação política" da penetração de tecnologia no cam-



Os "pacotes tecnológicos" não beneficiam os pequenos produtores

Luiza Venturelli

po. Vilma Figueiredo afirma que a tecnologia, bem como a política que o Estado executa para levá-la ao campo está impregnada de um caráter de dominação, que ela supõe ainda não esteja plenamente revelado no Brasil. E como seria possível explicitar tal caráter de dominação, inerente à presença de tecnologia? Através do próprio movimento sindical dos trabalhadores rurais, acredita a professora Vilma. "Os trabalhadores cada vez mais discutem a presença da tecnologia do ponto de vista político. Até mesmo a seleção das tecnologias adotadas implica uma intervenção política, pois muitas vezes essa escolha prejudica o produtor. Entrevistas realizadas com produtores de soja no Rio Grande do Sul mostram grande preocupação neste sentido: eles ressaltaram que não se usam muitas das tecnologias a que se tem acesso."

Embora esteja havendo um processo de discussão, ou seja, de politização da questão tecnológica, a professora Vilma acredita que a CONTAG (Confederação Nacional de Trabalhadores da Agricultura) ainda não foi levada a refinar suas propostas de política para o campo a ponto de torná-las realmente alternativas às governamentais. Sob certo aspecto, a bandeira maior de Reforma Agrária deixa pouco espaço para que se dê a devida ênfase ao problema da penetração de tecnologia. O processo de discussão política da modernização no campo, conclui a professora, é que possibilitará aos trabalhadores especificar a luta pela Reforma Agrária, viabilizando-a enquanto projeto político alternativo.

(Cláudio Brandt)

## Bolsa: pequeno auxílio para poucos

A bolsa de estudos tem sido a principal fonte de sustentação para os estudantes de pós-graduação. Alunos de graduação também podem ter acesso a uma das modalidades de bolsa — de iniciação científica. Em ambos os casos, porém, enfrentarão um rigoroso processo de seleção e uma competição crescente pelas poucas bolsas disponíveis.

Duas agências de âmbito nacional, com sede em Brasília, fornecem bolsas de estudo, tanto para o País quanto para o Exterior. Uma delas é a CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e está vinculada ao MEC. A outra é a CNPq — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, vinculado à Secretaria de Planejamento.

A CAPES concede bolsas de mestrado, doutorado e especialização do País através de cotas destinadas aos cursos credenciados. "O que determina o número de bolsas para cada curso é a sua capacitação", explicou o coordenador de bolsas do órgão, Raimundo Tadeu Corrêa. Já as bolsas para pós-graduação no Exte-

rior são fornecidas diretamente ao bolsista. Para se conseguir uma bolsa da CAPES, deve-se procurar os cursos, onde são feitas as inscrições.

O CNPq, por sua vez, financia, acompanha e avalia cada projeto individualmente. Os programas de bolsas de estudo do Conselho abrangem as seguintes modalidades: iniciação científica, aperfeiçoamento, mestrado, doutorado, pós-doutorado e pesquisa; todas no País. Para o Exterior, bolsas de doutorado o pós-doutorado têm prioridade, enquanto para especialização e mestrado somente se aceitam pedidos se não houver curso similar no Brasil. As inscrições para bolsas de pesquisa estarão abertas no CNPq a partir do dia 29 de outubro até o dia 30 de novembro. Para os outros tipos de bolsas, está sendo preparado novo calendário, conforme informou a assessora Maria Lúcia Garcia, da Superintendência de Desenvolvimento Científico do CNPq.

## PNPG

As duas agências governamentais atuam conforme diretrizes e

prioridades estabelecidas pelo Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), cujo objetivo central "consiste na formação de humanos qualificados para atividades docente e de pesquisa, em todas as modalidades visando atender as demandas dos setores público e privado". Isso significa que determinadas áreas do conhecimento científico e tecnológico têm prioridade sobre as demais. Tais prioridades frequentemente divergem daquelas eleitas por setores da comunidade científica.

Alguns Estados possuem suas próprias agências de financiamento à pesquisa e concessão de bolsas de estudo. E o caso de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul. Outros estados estão organizando órgãos semelhantes, como o Rio de Janeiro. As dotações orçamentárias estaduais para Ciência e Tecnologia cresceram somente no último ano 130 por cento, correspondendo hoje a 38 por cento das dotações dos órgãos federais.

## GRADUAÇÃO

A única modalidade de bolsa ao alcance de alunos de graduação

fornecida pelo CNPq. Trata-se da bolsa de iniciação científica, acessível a quem já tiver cursado três semestres letivos e não tiver mais de duas reprovações em disciplinas. O valor da bolsa é de 90 mil cruzeiros mensais e tem validade para até 12 meses. Para o aluno Laudo França, do Departamento de Física, "a bolsa de iniciação científica é um meio de sobrevivência para o estudante. Paga mais que a monitoria, fortalece o currículo, o resultado do trabalho pode ser publicado e academicamente é melhor que os estágios". Dependendo do caso, diz Laudo, "pode ser a única oportunidade da gente desempenhar de fato o papel de estudante, desenvolvendo um projeto de pesquisa".

Até o semestre passado, a bolsa podia ser obtida para financiar projetos de pesquisa de autoria do próprio estudante, com a orientação de um professor. Doravante, de acordo com norma do CNPq, as bolsas serão concedidas apenas para o aluno trabalhar em projetos de professores, que serão os orientadores. Laudo analisa que "se a criatividade do

professor já está condicionada às prioridades do CNPq, o estudante fica limitado junto com o professor e, agora, com esta medida, limitado nos seus interesses próprios de pesquisa".

## POS-GRADUAÇÃO

A aprovação na seleção dos cursos de mestrado e doutorado no Brasil praticamente garante o direito à bolsa de estudos. Difícil mesmo é sobreviver com ela. A bolsa para mestrado do CNPq, reajustada para 315 mil mensais é considerada insuficiente pelos alunos. Segundo Miriam Costa, mestranda em Matemática, "a maioria não tem vínculos empregatícios. A bolsa então tem de dar para todas as despesas, inclusive de saúde. Há momentos em que é sufocante". Miriam aponta também a falta de apoio, no caso, da UnB: "Para nós da pós-graduação o bandedão é mais caro e no Alojamento Estudantil temos de pagar taxas que os outros não pagam. Essa discriminação não se justifica. Na UFRJ, os alunos de pós-graduação têm os mesmos direitos e subsídios que os de graduação".

(Márcio Araújo)



## Professores prometem nova mobilização por melhores salários

As universidades federais autárquicas poderão entrar novamente em greve caso o Ministério da Educação e Cultura rejeite as propostas feitas pela comissão do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), designada para estudar as reivindicações salariais dos professores e servidores dessas instituições. Esta afirmação foi feita ao **Campus** pelo vice-presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES), professor Sadi Dal-Rosso, do Departamento de Sociologia da UnB.

O documento elaborado pelo CRUB além de tratar da questão salarial dos professores e servidores das autárquicas, solicita, ainda para este ano, uma suplementação de recursos para as universidades no valor de Cr\$ 116,9 bilh-oes.

O sistema federal de ensino superior desde a reforma universitária de 1968, foi dividido em autarquias e fundações. Posteriormente, as

fundações eram retiradas do âmbito da administração indireta o que lhes possibilitou uma maior liberdade e flexibilidade. Como os dois tipos de instituições têm regime jurídico próprios, o que surgiu em consequência foi uma dualidade salarial que gerou um grande desequilíbrio entre ambas. Este desequilíbrio acentuou-se ainda mais quando entrou em vigor a atual política salarial propondo reajuste semestral com base no índice nacional de preço ao consumidor (INPC). Por serem vinculados ao sistema de pessoal civil da União, cujos reajustes são concedidos com base em decretos-lei, os professores e servidores das universidades autárquicas não puderam gozar de tais benefícios.

Levando em conta esse grande desequilíbrio salarial entre autarquias e fundações, o CRUB elaborou um documento com base nas reivindicações feitas por professores e servidores durante o período em que esti-

veram em greve: concessão de reajustes de 58% para os professores e de 97,52% para os servidores, alcançável em dois anos, sendo a primeira parcela em setembro deste ano, no valor de 18,7% para ambas as categorias; instituição do reajuste semestral de salários, para professores e servidores, com base em 100% do INPC bem como a retirada imediata do projeto em tramitação no Congresso Nacional que equipara os salários das autarquias e fundações, através do rebaixamento ou congelamento das vantagens por estas recebidas.

O outro ponto do documento refere-se à concessão de recursos para a manutenção das universidades. Desde 1981, elas vêm sofrendo progressiva redução nos recursos provenientes do governo federal, redução essa mais acentuada nos dois últimos anos. No corrente ano, mesmo computada a suplementação já concedida, os recursos para manutenção apenas alcançam 45,4% do que obtiveram em 1980 e 37,8% em relação a 1981. Por esta razão, os reitores solicitaram mais verbas para as universidades, de forma a garantir que o orçamento de 1984 atinja o mesmo nível de 1980, em termos reais, e que o do próximo ano venha atingir os níveis de 1981. (Murilo Milhomem)

## O Brasil e a sucessão: o que dizem os deputados

**Hélio Manhães**

*Fundador do antigo MDB, tem "19 anos de oposição". fundador e vice-líder do PMDB, eleito pelo Estado do Espírito Santo, foi um dos primeiros defensores da candidatura Tancredo Neves, sendo um dos representantes da corrente liberal-democrática.*

**Motivos de apoiar a candidatura Tancredo:**

Existem três motivos para apoiar o governador Tancredo Neves: primeiro, a derrota da Emenda Dante de Oliveira, segundo, a possibilidade da vitória do deputado Paulo Maluf; e terceiro, o governador Tancredo Neves, um homem moderado e equilibrado, surgiu como alternativa. Podemos admitir que não é a melhor solução, mas é a única viável para impedir um mal maior. Não só isso. O governador Tancredo Neves restaurará a credibilidade nas instituições públicas e conduzirá a passagem do autoritarismo para a democracia através de um programa mínimo.

**Possibilidade de vitória de Paulo Maluf:**

Prefiro nem pensar nessa possibilidade. Existe uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul em que 83% dos entrevistados repudiam a candidatura Paulo Maluf.

**Sobre os pronunciamentos do presidente Figueiredo:**

O governo tenta criar um clima de ameaça e intimidação. Tal qual antes da votação da Emenda Dante de Oliveira, criou-se um clima artificial para justificar a aplicação das medidas de emergência. Ou seja, novamente impedir os meios de comunicações de levar ao resto do Brasil o que acontecerá dia 15 de janeiro.

**Assembleia Nacional Constituinte:**

Em princípio deve ser livre e soberana. Porém, quem sabe nós não teremos aí (em 85, após o Colégio Eleitoral) um Congresso perfeitamente identificado e responsável para poder votar uma Assembleia Constituinte?

Acho que como metas, devemos diminuir os poderes excessivos do Executivo, transferindo-os de volta ao Legislativo. Por exemplo, no ano passado, dos 2.970 projetos de lei apresentados pela Câmara, somente 3 foram sancionados pelo Presidente. Em contrapartida, o Presidente mandou 115 decretos-leis sendo somente dois recusados.

**Hermer Zanetti**

*Deputado de primeira legislatura, é presidente da Confederação de Professores do Brasil-CPB e atuante na área de educação. No seu Estado, o Rio Grande do Sul, é tido como um membro da esquerda independente.*

**Motivos para apoiar a candidatura Tancredo:**

O caminho do Colégio Eleitoral não é o que queríamos. Como o esforço pelas diretas foi impedido por um pequeno grupo, o go-

vernador Tancredo Neves tornou-se o estuário da bancada nacional do PMDB. Na medida em que após vinte anos pode-se mudar o regime, vamos ao Colégio.

O governador Tancredo não é o candidato do PMDB e sim da Aliança Democrática. Assim, o seu programa não é o do PMDB. O seu governo não será o governo que se esperaria do PMDB.

Apesar de nosso apoio ser grande, a sua candidatura é o resultado de um conjunto de forças políticas (a Frente Liberal, por exemplo). Entretanto, sua vitória representa uma transição.

**Possibilidade de vitória de Paulo Maluf:**

Com Maluf, todos os grupos progressistas seriam atacados. Eu coloco que a perspectiva a essas pessoas que são de oposição seria o exílio ou a cadeia. Maluf organizaria as forças de repressão e todo o segmento mais reacionário da Nação.

Se Maluf ganhar, será resultado de três fatores: primeiro, os métodos de corrupção adotados; segundo, coação por denúncia de corrupções já praticadas pelos membros do Colégio Eleitoral; e terceiro, o uso da máquina governamental.

Acredito que caso o candidato do Governo ganhe, esteja aberta a possibilidade de uma sublevação popular. Porém, através de empréstimos internacionais, poderia reativar a economia num novo "Milagre". Nós hoje devemos mais de 100 bilhões de dólares. Não custaria nada aos credores darem um crédito de 20 bilhões e com isso protelar a crise para daqui a dez anos.

**Sobre os pronunciamentos do presidente Figueiredo:**

Estão nos ameaçando. Primeiro nos proibiram de votar, agora nos proibem de torcer. Na verdade temos o conhecimento de uma agenda do presidente em que esse pronunciamento antes da operação em São Paulo era apenas o primeiro ponto. Como construíram o Colégio Eleitoral para ganhar, vão fazer qualquer coisa para isso.

Uma outra hipótese é a de que os ministros militares cheguem ao governador Tancredo Neves e digam: "Tancredo, nós achamos que você pode assumir, pode ser presidente, porém queremos algumas garantias e compromissos". E isso nos alarma um pouco pelo "estilo" do nosso candidato. Ele eventualmente pode tentar uma composição com esses setores e eu temo sinceramente por isso. Afinal, um leque tão abrangente como esse, tornará o país ingovernável.

**Assembleia Nacional Constituinte:**

Isso é muito sério. O candidato não assumiu de todo essa posição. E isso se deve ao já amplo leque que é a Aliança Democrática. Porém, a minha posição pessoal é de que deve ser antecedida por um período de discussão que abra um largo debate nacional. Total liberdade de organização e de propaganda, fim da Lei Falcão (aliás o ex-ministro Armando Falcão está na Aliança Democrática) e uma nova regulamentação da Lei de Segurança Nacio-

## Genocídio programado. Igreja aponta saídas para seca nordestina

Têm-se falado do Nordeste como se o seu único problema fosse o da meteorologia. Através de um documento dirigido à população brasileira, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) denunciou as causas básicas dessa situação, apontando soluções que poderiam ser dadas, caso se desejasse realmente resolver a questão. Na opinião da Igreja, a seca não é o maior problema. Ela só vem agravar a situação crônica existente em função de sua estrutura fundiária, ou seja, além da má distribuição de terras o Nordeste não é organizado segundo a sua própria constituição geográfica. Deveria, de acordo com o documento haver um remanejamento da população para perto dos rios, além da utilização de uma cultura adequada à Região (agricultura de subsistência).

Dom Afonso Felipe Grégory, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro e coordenador do documento "Nordeste: Desafio à Missão da Igreja No Brasil" — diz que sem uma reforma agrária não é possível resolver a crise na Região. Além disso, é necessário um envolvimento maior de toda a população e a sua participação nas decisões que atualmente são tomadas a nível nacional e internacional.

Segundo o Bispo, técnicos locais acham que "se houvesse

realmente uma decisão política adequada, o Nordeste seria viável. "No entanto, essa medida viria afetar interesses estabelecidos, os quais constituem uma grande resistência às transformações que são exigidas pela estrutura sócio econômica nordestina.

**COMPROMISSO**

O papel da Igreja na promoção destas transformações, na opinião de Dom Afonso, é o de tentar renovar o seu compromisso para com os nordestinos, principalmente através do apoio aos mini-projetos, que visam à criação de espaços para que as populações se organizem. Além disto, ela está presente nos movimentos populares, pois considera que as verdadeiras saídas devem ser apontadas pelo próprio povo.

Quanto ao problema demográfico, Dom Afonso acha que o "controle artificial, mesmo que fosse permitido pela Igreja, não seria ideal, visto que todos os métodos precisam de acompanhamento médico constante, além de terem um elevado custo". Também o povo nordestino não aceita seguir nem mesmo controles naturais. Devido ao seu baixo grau de instrução, acredita que o homem nasceu para procriar, independente de qualquer outra coisa. Para se resolver o problema, a Igreja

defende uma tomada de consciência a respeito da paternidade responsável, até mesmo, de seu próprio organismo. Mas como não há interesse comercial no uso de métodos naturais, nada vem sendo feito". O problema demográfico se resolve através do desenvolvimento e não, como é dito, o desenvolvimento através do problema demográfico", analisa o Bispo.

Já as campanhas pró-Nordeste, tão em moda ultimamente, têm a sua validade muito limitada. Elas provocam uma sensibilização apenas momentânea, já que as suas instituições patrocinadoras estão mais interessadas em se autopromover do que propriamente em abordar os verdadeiros problemas da população. Típico exemplo disso, para a Igreja, é a TV Globo, que ressalta somente as "características superficiais e paternalistas em relação ao Nordeste".

**TRANSFORMAÇÕES**

Na perspectiva em que se coloca a CNBB — a de que o Nordeste necessita de transformações profundas, principalmente no que se refere à estrutura fundiária — as entidades que desenvolvem um trabalho mais válido são os sindicatos. A ajuda do governo poderia ter sido sempre muito mais eficaz, mas: fato é que boa parte dos recursos ficavam "a meio caminho". Já os projetos jamais procuraram envolver o povo nordestino.

Ao concluir, Dom Afonso Felipe Grégory destacou que a Igreja vem contando com o apoio de todos os brasileiros no sentido de pressionar o governo a colocar em prática as alternativas por ela propostas. (Maria Lúcia Sigmaringa e Ana Teresa Vieira)



## O BRASIL E....

**D**urante uma semana foram entrevistados sete deputados dos três partidos de oposição, PT, PMDB e PDT. Falando pelos grupos que representam, deram as suas posições sobre o atual quadro sucessório nacional.

Procurou-se ter a opinião das principais correntes que atuam na oposição e assim, tornar um pouco mais claro o confuso emaranhado de siglas que compõe a Aliança Democrática, seus seguidores e seus críticos.

nal. Levanto ainda a questão de que o futuro Congresso dava ser bi-cameral (Câmara e Senado) ou único (Assembleia Nacional).

**Eduardo****Matarazzo****Suplicy**

*Ex-deputado estadual por São Paulo, escrevia na Folha de S. Paulo uma coluna que terminou virando livro (Compromissos). Foi um dos primeiros membros do Partido dos Trabalhadores e teve uma votação bem expressiva. Sua atuação no Parlamento, como no caso da denúncia dos envolvidos no escândalo Coroa-Brastel, deu-lhe grande destaque.*

**Motivos para apoiar a candidatura Tancredo:**

— Minha intenção é de votar no candidato dos Partidos dos Trabalhadores em eleições de dois turnos, conforme a Emenda Teodoro Mendes especifica. Caso no primeiro escrutínio o candidato do PT perdesse, eu poderia pensar em votar no candidato das oposições. Porém, como isso não aconteceu, não me coloco disposto a ir ao Colégio Eleitoral. Quanto à alegação de que os oito votos do PT possam favorecer o candidato do governo, isso é muito difícil de acontecer em mais de 600 votantes.

**Possibilidade de vitória de Paulo Maluf:**

Possivelmente assistiríamos no Brasil a um período extremamente difícil. Ele não conseguirá governar com facilidade. Dada a sua pessoa e aos seus métodos, usará de meios repressivos para evitar manifestações de protesto. Também acho que usará todo o aparato de agências de publicidade para neutralizar a carga negativa sobre a sua pessoa.

**Sobre os pronunciamentos do presidente Figueiredo:**

A despeito do que o presidente Figueiredo alegue, continuaremos a lutar pelas diretas. Em solidariedade à vigília proposta pela CNBB, dia 10 de outubro, faremos uma vigília no plenário da Câmara que se encerrará no dia seguinte.

**Assembleia Nacional Constituinte:**

A discussão de Constituinte do PT ainda está nas bases. Para o PT levantar a bandeira de Constituinte, depende de como ela seja realizada. Se houver toda a liberdade de expressão e de organização, a eliminação da Lei Falcão, o direito de voto ao analfabeto seja reconhecido, entre outras coisas, poderemos defender a Constituinte.

**Roberto****Freire**

*Fundador do PMDB e do ex-MDB, responde pelo Partido Comunista Brasileiro na sua Comissão de Legalização. Eleito por Pernambuco, é responsável por um grupo expressivo dentro do PMDB.*

**Motivos para apoiar a candidatura Tancredo:**

O apoio que o PCB dá ao governador Tancredo Neves é resultante de uma estratégia política. Tão logo houve a derrota das forças populares em 64, o PCB foi o único agrupamento de esquerda que se definiu pela atuação no processo eleitoral. Mesmo privilegiando o Parlamento, violentando e fraudado. Nessa visão, o militante do PCB se integrou ao antigo MDB, sendo que vários fundadores do MDB eram do PCB.

Em 1967, o VI Congresso do PCB definiu a luta por uma Assembleia Nacional Constituinte, eleições diretas em todos os níveis e restauração das liberdades democráticas. Nós não estamos aderindo a nenhuma candidatura. Na verdade, essa candidatura é corolário de todo um esforço contra o regime.

A classe dominante brasileira fez a sua auto-seforma e se integra num processo democrático de mudança na sua forma de dominação (...) hoje se credita dentro da sociedade numa política democrática. Possibilidade de vitória de Paulo Maluf:

Ele representa os setores mais retrógrados da sociedade brasileira. Tem um projeto de cunho nitidamente fascista. Veja-se que, hoje, todas as forças de direita se alinham com a candidatura Maluf. A perspectiva de enfrentamento da sua candidatura requer a maior unidade das oposições e a ampliação da Aliança Democrática com os setores dissidentes.

**Assembleia Nacional Constituinte:**

Inicialmente foi o PCB quem lançou a tese de Assembleia Nacional Constituinte. Posteriormente, foi incorporada ao então MDB. Constituinte significa ruptura. É uma eleição geral com toda liberdade de cidadania e de organização, em que se pretende a mais ampla liberdade de expressão. Na Constituinte, usando as técnicas jurídicas de maioria simples, regulamentar-se-á a vida política, econômica e social do País.

Quanto aos aspectos de posteriormente transformá-la em Legislativo Ordinário, isso são questões meramente técnicas.

**José Thomás Nonô**

*Ex-secretário de Estado, é deputado pelo PDS de Alagoas. É sua primeira legislatura. Inicialmente fez parte do grupo "Participação" do PDS, o qual concorreu na Convenção Nacional do partido em 83. Atualmente, é um*

**Hélio Manhães****Hermes Zanetti****Haroldo Lima****Jacques Dornellas**

*dos cabeças da Frente Liberal, que surge para ocupar o espaço do antigo PP.*

**Motivo de apoiar a candidatura Tancredo:**

Optar pelo melhor candidato, que tem o espírito de mudança e que, ao mesmo tempo, amenize o estado de transição em que vive a sociedade de hoje. Tancredo Neves encarna os seguintes pontos: primeiro, a vontade de mudar; segundo, as condições de mudar sem traumatismos maiores.

**O que pode acontecer se Maluf ganhar:**

O governo tem alguns pontos positivos que podem se perder no governo de Paulo Maluf. A total falta de respaldo popular impede o cidadão de governar este País. Ele não pode andar nas ruas, frequentar as praças públicas, não pode aparecer. Enfim, não pode desfrutar daquele crédito, daquele período de carência que se dá a qualquer dirigente que assume. Isso pode ensejar uma segunda ou terceira interferência das forças mais obscuras, mais reacionárias, do País.

O futuro governo irá cobrar sacrifícios à população. O atual não pode mais fazê-lo pois a população, de antemão, não acredita em nada que venha dele. É necessário restaurar a credibilidade e Tancredo o fará.

**Sobre os pronunciamentos do presidente Figueiredo:**

Não acredito que tenham algum significado sobre o contexto geral da sucessão.

**Assembleia Nacional Constituinte:**

A tese da Aliança Democrática é que a próxima legislatura tenha poderes constituintes. A gravidade do momento político atual não me permite acreditar que nos daremos ao luxo de convocar um Congresso unicamente para redigir uma Constituição.

Acho que logo após a posse de Tancredo, iremos assistir a um período de reformulações partidárias. Na realidade, dos partidos existentes hoje em dia, à exceção talvez do PT, são partidos privados de ideologia própria. Não só isso: são crivados de profundas contradições internas. Se encontram, dentro do PDS, pessoas de idéias avançadas, diria até de esquerda. Enquanto isso, o PMDB tem ex-governadores, ex-ministros e pessoas de pensamento conservador.

Acho que a futura Carta Constitucional deve ser mais sucinta. A atual é por demais complexa. Prende-se a minúcias como previdência social, tributação do cigarro etc. Penso que deverá enfatizar os direitos humanos, a res-

tauração do federalismo e da igualdade entre os poderes.

**Haroldo Lima:**

*Baiano, Haroldo Lima foi militante sindical por muitos anos. Com a abertura, pôde fazer uma campanha para deputado reivindicando uma plataforma popular. É cotado como pessoa autorizada para informar e esclarecer as posições do Partido Comunista do Brasil, o PC do B.*

**Motivos para apoiar a candidatura Tancredo:**

O que está em pauta é encerrar a trajetória do governo militar. A candidatura Paulo Maluf representa a continuação justamente do que lutamos contra. Com a candidatura única das oposições representa a forma concreta de acaarcom esse regime, nós a estamos apoiando. Nossa expectativa não é a de acordos e/ou compromissos com o governador Tancredo, e, sim, a conquista da liberdade política no país. Pois, com a liberdade política, as forças populares se organizarão e, isso sim, garantirá o nosso futuro.

**Possibilidade de vitória de Paulo Maluf:**

O futuro político do país está profundamente incerto. A postura política do deputado Paulo Maluf é basicamente fascista. Toda a sua pregação programática. Sem liberdade. Tenho lido as publicações malufistas que me chegam e verifico que há um divórcio da pregação das liberdades pelos quais o país tanto luta. Não fala de fim da lei de imprensa, da lei de segurança nacional, do arbitrio, etc. Isso é a essência do fascismo europeu. Não aquele fascismo dos generais latino-americanos, do tipo argentino ou chileno. Mas do tipo italiano e alemão, em que se envolvem grandes massas que ficam auto-sufocadas em seus direitos.

Não só isso ele representa respectivamente, a emergência de um sistema fundado na corrupção e de um entreguismo desenfreado.

**Pronunciamento do presidente Figueiredo:**

O presidente Figueiredo tenta atemorizar os que se colocam contra a candidatura Paulo Maluf. Torno a lembrar que o Brasil teve um período fascista durante o governo Médici e a continuação por intermédio de Paulo Maluf será perigosíssima à Nação.

**Assembleia Nacional Constituinte:**

Achamos que deva ser livre e soberana. Convocada sem a vigência das leis de exceção, fim de todos os atos de arbitrio, total li-

berdade de organização e expressão. Nós achamos que todos os partidos clandestinos devam ser legalizados antes das eleições, para que o povo, através do voto, possa decidir quem são os seus verdadeiros representantes. Em todos os países em que caem ditaduras, surgem dezenas de partidos. Só em Portugal e na Espanha, surgiram quase cem partidos! E o povo que através do voto irá decidir se esses partidos lhe representam ou não.

**Jacques Dornellas**

*Deputado pelo Rio de Janeiro, foi um dos nomes que Luis Carlos Prestes apoiou no estado, na ocasião do "racha" do PCB. Ex-membro da CPI sobre a dívida externa, fez seus comentários por um lado mais econômico-social.*

**Quais os motivos que levaram o seu grapo apoiar Tancredo?**

É necessário dizer que o nosso apoio é crítico. Tancredo não é o candidato do PDT. Se você observar, o conjunto de forças que apóiam o governador Tancredo Neves são contraditórias no plano econômico. Talvez no plano institucional sejam um pouco convergentes. Basta dizer que quem apóia Maluf é Roberto Campos. Assim temos como parâmetro o outro lado que é o que apóia Tancredo Neves. %2e Assembleia Nacional Constituinte:

Nós achamos que a Constituição está desfigurada e retalhada pelo poder que se instalou em 64. As medidas tomadas depois o recrudescimento do regime militar e mais alguns fluxos e refluxos nos anos 70, determinam uma urgente mudança constitucional.

Para a sua convocação é necessária total liberdade de organização, livre acesso à televisão (fim da lei Falcão), e todas as outras leis originárias do arbítrio. Ela deve atacar dois pontos específicos: a dívida externa, que Tancredo não assume; e a especulação financeira que é feita com propriedades, terras e alimentos.

Quando pedirmos moratória, aliás, fizemos moratória, não avisaremos aos credores o prazo de carência. Isso daria chance de retaliações econômicas pré-programadas.

**Possibilidades da vitória de Maluf:**

Acredito que o grande capital não investirá num risco tão grande. Maluf é o cara que mata a galinha dos ovos de ouro para pegar as tripas.

O problema é que Maluf vem se credenciando para assumir o cargo de dirigente da direita no país.

**Pronunciamentos do presidente Figueiredo:**

Dia 25 de agosto o Ministro do Exército fez um pronunciamento que tentou balançar a oposição.

Na visita a Salvador do Presidente, o Ministro da Aeronáutica fez também um pronunciamento. Em resposta, Toninho Magalhães virou Toninho Ternura.

Dia 7 de setembro, com o vice-presidente, persona non grata no palanque, term inou não ocorrendo o temido pronunciamento presidencial.





# Mísseis não! Pacifismo já!

Ilustrações reproduzidas das revistas STP e Tchecoslováquia

Atualmente na Alemanha Ocidental está sendo organizada uma corrente humana de cerca de 300 quilômetros de extensão em torno das principais bases de mísseis da OTAN (Organização dos Tratados do Atlântico Norte). O movimento é chamado "Ofensiva de Outono" e vem sendo liderado pelos Verdes (pacifistas) apoiados pelo Partido Social Democrata Alemão (SDP). Apresenta um caráter transitório, seus adeptos estão sempre mudan-

do à medida que surgem novos interesses. "Os Verdes" não são um movimento organizado e com diretrizes bem definidas, eles simplesmente expressam suas aspirações e apenas sabem o que não desejam: as armas nucleares.

Segundo o Dr. Gunter Schütze, Adido de Imprensa da Embaixada da Alemanha Ocidental, os "Verdes" são idealistas e românticos e o desarmamento das bases de

mísseis nucleares, instalados em território alemão, é pura utopia. Ele acredita que, embora o movimento Pacifista não consista em risco à estrutura sócio-econômica alemã, ele pode funcionar como instrumento de propaganda Russa DENTRO do país. "Ceder às intenções Pacifistas e renunciar as armas nucleares é permitir que, futuramente, a Rússia possa se impor na política interna da Alemanha Ocidental". (Denise de Roure).

**A "Ofensiva de Outono" dos pacifistas promete sitiar as bases de mísseis da OTAN e atrair simpatia mundial. II**



## Socialismo apoia movimento pacifista

"Existe uma diferença entre os movimentos pacifistas nos países capitalistas e os movimentos pela paz nos países socialistas. Nos países membros do Pacto de Varsóvia, existe um poder popular, e a vontade do povo está expressa na política do Estado. Portanto, as manifestações pela paz não ocorrem para pressionar o governo como nos países capitalistas, porque nestes a política do governo está atrelada aos interesses econômicos das grandes indústrias bélicas". Esta afirmação de Wladimir Gulle, Primeiro Secretário da Embaixada da Tchecoslováquia, reflete bem a opinião geral dos países socialistas de que a guerra é inerente ao capitalismo.

Segundo Gulle, não procedem as acusações dos EUA de que os movimentos pacifistas da Europa sejam financiados pelos "comunistas", o que não impede que estas iniciativas como a "Ofensiva de Outono" (corrente humana contra os mísseis da OTAN na Alemanha) despertem muita simpatia e sejam amplamente divulgadas pela imprensa de seu país. "Nós aplaudimos a iniciativa do povo da RFA que também visa preservar a paz e demonstrar que as massas dos países capitalistas estão dispostas a enfrentar esse sistema de governo que prepara a guerra".

Atualmente, a Tchecoslováquia é um dos países que mais se empenham na luta pela preservação da paz, e esta conduta, na opinião de Gulle, tem suas origens históricas nas devastações do país durante as duas Grandes Guerras Mundiais. Ele lembra que uma das mais importantes contribuições do povo tcheco para a preservação da paz, foi a "Assembleia Mundial Pela Paz e Pela Vida, Contra a Guerra Nuclear", realizada na cidade de Praga em junho de 1983. Esse evento, custeado pela própria população, reuniu delegados de todos os países, religiões e raças com o objetivo único da luta pela paz. Para Gulle, o mais curioso é que, "mesmo com a sua grande importância, o evento foi praticamente boicotado pela imprensa ocidental, apesar da maioria dos delegados pertencer a países capitalistas e não-alinhados. Outra manifestação importante foi realizada este ano em Znojmo com a participação de delegados dos movimentos pacifistas da RFA, RDA, Austrália, Suíça etc, reunidos em conferências, simpósios e outras atividades.

Os movimentos pacifistas, tanto na Europa como dos EUA,

também são muito apreciados pela União Soviética, segundo Alexander Zimakov, encarregado de negócios da Embaixada da URSS. "Nossos altos dirigentes recebem frequentemente delegações de pacifistas do Partido Verde da RFA, dos ingleses e até mesmo dos americanos, porque estes movimentos desenvolvem um trabalho enorme e abnegado que não é só para eles, mas para todo o mundo". Na URSS existe um Comitê de Defesa da Paz que abrange praticamente todas as camadas da população. Existe ainda o Fundo da Paz, financiado pela população.

Na opinião dos soviéticos, até agora os fatos demonstram que é difícil a convivência pacífica, devido às provocações da parte dos EUA, como a última brincadeira de Reagan. "Sempre existiram focos de tensão depois da Guerra, como Granada e Vietnã, pois a natureza do capitalismo é fazer a

guerra", afirma Zimakov. Ele acredita que o impacto causado pela formação de 14 países socialistas depois da 2ª Guerra, junto com o progresso social alcançado por estes países (na RDA o preço dos transportes não aumenta desde 1935) representam grandes ameaças para os EUA, onde hoje existem milhões de desempregados.

Segundo Vassiliev Popoff, adido de Imprensa da Embaixada da URSS, o principal obstáculo ao desarmamento e à paz é o fato de que os EUA não podem livrar-se da idéia de recorrer à corrida armamentista para conseguir vantagens estratégico-militares sobre os sistemas socialistas, e impor sua vontade política. "Os EUA hoje são governados por um grande complexo Industrial-Militar. Este complexo tem interesse em enriquecer vendendo armas, não tem interesses em coexistência pacífica. (Andrea Chagas Cerqueira)

## Brasil fala de paz mas lucra com armas

"O governo brasileiro nunca esteve seriamente preocupado com a problemática da Paz no mundo. Em primeiro lugar, por seu total alinhamento à política exterior dos Estados Unidos e depois porque aproveitou a grave crise econômica que o País atravessa para intensificar e favorecer o desenvolvimento da indústria bélica e a exportação de armamentos". A denúncia é do deputado Jackson Barreto (PMDB-SE), membro da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, que vê no atual regime, o principal obstáculo ao desenvolvimento do pacifismo no Brasil.

Ele afirmou que a posição oficial brasileira face à explosiva situação mundial é extremamente contraditória. "Por um lado — explica o parlamentar oposicionista — o Itamarati sustenta uma decisão de não vender armas a países beligerantes, o que entretanto é desrespeitado pela venda de carros de combate ao Iraque". Lembrou ainda a contradição da política externa frente ao problema da América Central. "O Brasil é muito importante dentro do contexto latinoamericano, mas, embora declarando-se favorável a uma solução pacífica para os americanos, mas, embora declarando-se favorável a uma solução pacífica para os conflitos da região, na hora H, vende aviões "Tucano" para Honduras, que agride a Nicarágua. Ou seja, quer a paz, defende o Acordo de Contadora, mas vende aviões para fins militares", explicou.

Jackson Barreto vê com muita simpatia as atividades dos vários movimentos pacifistas europeus, afirmando que devem receber a solidariedade de todo o mundo pois "representam a consciência de povos que já sofreram na carne as devastações da guerra". Acredita que o pacifismo não esteja mais desenvolvido no Brasil porque ainda se tem a falsa idéia de que o palco da guerra não se limitará à Europa, como nas guerras anteriores. "A guerra hoje não será mais convencional, numa guerra atômica o palco será total", enfatizou, lamentando que no Brasil ainda se dê muito pouca importância à questão da Paz Mundial. Nesse sentido, faz um chamado: "As questões da paz, da democracia e do socialismo estão vinculadas entre si. Deve haver, portanto, uma luta em três frentes".

O parlamentar sergipano entende que as propostas de paz e desarmamento apresentadas pela URSS refletem uma posição honesta. Tendo visitado recente-

mente aquele país, não reluta em afirmar que "não existe um só cidadão soviético que não coloque a questão da paz mundial em primeiro plano", acusando os Estados Unidos de manter uma política falsa em relação ao desarmamento nuclear. "Os EUA defendem a guerra — explicou — porque o seu território nunca foi palco de conflagrações mundiais. As guerras sempre ocorreram em terra alheia. O povo norte-americano não conhece como os povos europeus todos os efeitos de uma guerra, a não ser através das guerras imperialistas praticadas pelos EUA, como no Vietnã e agora a agressão norte-americana na América Central".

"Num governo democrático existem condições para reivindicar em liberdade, para fazer com que o Brasil assuma uma posição concreta em favor da Paz Mundial, desenvolvendo relações políticas, culturais e científicas com todos os povos amantes da paz e do progresso". A opinião é do deputado federal João Hermman, do PMDB paulista, também membro da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, que vê na candidatura Tancredo uma possibilidade para que as forças progressistas do País intervenham muito mais decisivamente em benefício da Paz Mundial. A propósito do não desenvolvimento do movimento pacifista no Brasil ele tem uma visão categórica: "A questão da Paz no Brasil passa primeiro por uma camada de intelectuais, artistas, cientistas e outros segmentos da comunidade mais progressista, para só então ganhar toda a sociedade. Há uma vanguarda que representa o melhor. Ela tem a tarefa de repassar esta questão para toda a população, que em nosso país enfrenta problemas mais prementes como a fome, a saúde, a moradia etc".

Hermman vê a atual política externa brasileira como bem diferente daquela de 1964, quando o governo enviou tropas para sufocar uma rebelião social na República Dominicana, chegando mesmo a afirmar que existe uma certa independência na sua formulação. Manifesta, entretanto, extrema preocupação face as recentes declarações do candidato indireto à Presidência da República, deputado Paulo Maluf, que ao defender uma maior aproximação política com os EUA afirmou: "O Brasil é muito importante para os Estados Unidos". "O Brasil é muito importante, mas é para os brasileiros".

(Carlos Alberto)

Desenho de "Dikobraz" (Tchecoslováquia)

